

BORGES, CO-AUTOR DO POEMA SUJO?

Por Salomão Rovedo, Rio de Janeiro (Brasil)

1. Prólogos (s)
2. Borges, co-autor do Poema Sujo?
3. Carta (inédita) de Borges a Gullar
4. Notas de Borges ao Poema Sujo

PRÓLOGO (S)

- 1) Tudo é invenção, mas também é verdade.

Que fique bem claro que esta história/estória nasceu da leitura de Ficciones, que data de 1944 e em particular de “Pierre Menard, autor do Quixote” – não sendo, porém, modelar, nem um bis. Isto é, alguma coisa, como o excesso de notas de rodapé, é também paródia do poeta argentino, no sentido que Borges alimentava as ficções como quem dá alpiste a passarinho, de miudinho em miudinho, ele buscava dar veracidade ao inverídico e vice-versa. Assim – de mito em mito – se foi juntando, descolando, achegando ao estilo plástico da *collage*, criando pé, corpo e cabeça. A montagem amontou *cuentos* e estórias, paisagens portenhas, as lembranças vividas (e imaginadas), as tragédias assistidas (e imaginadas), até mesmo uma ou outra lágrima. Borges sempre foi assim: prolífico e breve, literatura curta e grossa, de onde fugiam as alegorias, as histórias policialescas, as fantasias.

Gullar entrou de gaiato, porque ambos – Borges e Gullar – tiveram colóquios felinos: ambos possuíram um gato de estimação e literato. E também ocorreu que, em um tempo histórico, os dois poetas estavam sob o mesmo céu, pisando as mesmas ruas, frequentando o mesmo café e o provável encontro – que poderia ser confirmado com um mero e-mail ao sobrevivente Gullar – se deu na imaginação do escriba: se perguntasse perderia a graça mística das invenções. Imagino que me perguntei: em que ruas, quais bairros, tantos bares, em que livrarias, em qual quarto deserto, onde nasceu o Poema Sujo? Assim, fotografados os dois em pleno exílio, flagrados em dimensões imaginadas, a veracidade fica mais inverídica... e vice-versa.

Collage por que? Estamos na era virtual, mas a semente nasceu mesmo no velho livro impresso, com folhas brancas e letras pretas, com capa dura. Por aquela estranha coincidência (que escritores adoram deitar em suas entrevistas aos leitores boquiabertos), andei com os volumes de Ficciones e do Poema Sujo, os dois acomodados sob a mesma axila, volta e meia eram lidos simultaneamente, as páginas saltando aleatórias para a seara da imaginação. Daí, meu amigo, nascida a ideia é difícil contê-la, ela vai crescendo, aumentando e se a gente não colhe o fruto nem arranca a erva daninha, é tiro e queda: pode se deitar no divã de um psiquiatra imaginário...

Mais: a curiosidade me levou aos buscadores e neles fui acumulando gordura para o que seria um artiguinho, um citaçãozinha aqui e ali, o bicho foi ficando apetitoso, criando vida, acredite, respirando! Não é sabido, mas imaginado, que Borges gostava de se intrometer na obra alheia e enchê-la de pitacos. Talvez porque gostasse de escrever em coletivo (não! Não falo dentro de um ônibus ou trem), mas de parceria com outros escritores, como o fez com o inseparável Adolfo Bioy-Casares e com o fantasma Bustos Domec. Essa tendência é inata, não tem como controlar, então por que não? Mas reescrever como quem “escreve” o que já estava escrito, da mesmíssima forma com que Pierre Menard é co-autor do Dom Quixote, talqualmente da forma como que Mário de Andrade “escreveu” Alguma poesia, de Drummond, assim mesmo como que Manuel Bandeira é co-autor do Macunaíma e mais poderia ajuntar, mais de uma centena de etceteras, etceteras! Então deu no que deu.

Vigilei Ferreira Gullar em muitas de suas aparições, palestras, programas de TV. Até esbarramos não mais que duas ou três vezes. Nas palestras e depoimentos guardei que ele gostava de contar a importância da “influência” do (seu) Gatinho nas colagens e desenhos que Gullar inventa nos minutos de artista plástico. Gatinho co-atuava no desmonte do que Gullar projetava como colagem – resulta que o poeta aproveitava a desmontagem feita pelas caminhadas de Gatinho sobre o projeto... Aquela velha história de amarrar um pincel no rabo do burro e assinar o resultado como obra de arte de autoria própria, sabe como é? Essas colagens são advindas de um leit-motiv que não o abandona, de temática constante, um tum-tum de bate-estacas seco, som repetido à exaustão, como o 1º movimento da 5ª Sinfonia de Beethoven. Nas reuniões o poeta liberava os segredos da criação, de como um poema “dormia” algum tempo para deixar as folhas tenras brotarem. Nessas ocasiões eram apresentadas transparências de textos, poemas escritos e reescritos e tanto fui aonde Gullar ia que sabia todas as artimanhas e molecagens.

Numa dessas vezes calei de espanto: na exibição de uma das transparências o texto reescrito no poema rabiscado surgia com uma letra arrevesada e a linha tão finíssima como nenhuma caneta terrestre possui. Sei que Gullar é ateu, por isso descartei de imediato a possibilidade de ser um poema psicografado. Não deu outra: todos os caminhos mostravam que também na poesia o (seu) Gatinho metia o bedelho – aquelas linhas finíssimas eram sem dúvida letra de gato, manuscrito de gato, feitas com unha de gato. Espantei, mas calei. Por fim, confesso que jamais estive mais que algumas horas em Buenos Aires. Em Santiago do Chile, sim, fui algumas quatro vezes e também confesso que não tenho o mínimo conhecimento se Borges e Gullar se encontraram alguma vez na vida.

2) Um universo pirata e sem margens.

Jorge Luis Borges foi um literato que não respeitou fronteiras. Em nome da criação jamais cuidou de segregar qualquer arte, atraindo, o que quer que fosse, da ficção e da não ficção, para juntar à suas idéias. Tinha a capacidade de se intrometer na obra alheia com a naturalidade de um co-autor. Daí nasceu a necessidade de inventar mais de um irmão gêmeo. Um em carne e osso, inseparável, tanto em corpo como menos em alma: Adolfo Bioy Casares. Outro, um fantasma criado para representá-lo nas trampolinagens e travessuras lítero-intelectuais: Bustos Domec. Este, segundo palavras próprias, é *um santafecino que tiene todos los prejuicios, la picardía, las deslealtades, las pobreza y también las ternuras del porteño*. Ambos os três trampolinavam, vadiavam fazendo molecagens literárias aqui e ali, a torto e a direito. Nas traduções recriavam, nas ficções entremeavam realidade e invencionice, nos contos reinventavam, criavam bairros, cidades, países, mundos, universos. Sua técnica de escrita variava do plágio ao que hoje se chama pirataria, uma arte de *collage* contínua – assim pode-se dizer que ambos empastrelavam em verso e em prosa.

A tática e técnica era escrever ficção com ares de verossimilhança, com um factóide que conectava o leitor da realidade mais ancestral às minudências do cotidiano. E na hora de escrever uma carta, dar uma entrevista, uma declaração, Jorge Luis Borges entremeava as informações com a mais pura e minuciosa invencionice, que deixava ouvintes e escritores pasmos. Era difícil e arriscado acreditar-se na mínima palavra, na mera informação. Quando era flagrado numa inconsistência, jogava a bola para o irmão gêmeo: *“Isso deve ser coisa do o Bioy”*. Por isso sua obra em prosa é afetada pelas citações, datas, publicações, autores, homens célebres, políticos, gente e cultura populares.

Os dados e informações que Borges fornecia nas palestras e entrevistas são de tal maneira inacessíveis que fica impraticável confirmar algo, se tornando incapazes de

serem acreditados. Veja este texto, como exemplo: *“Em março de 1941, foi descoberta uma carta manuscrita de Gunnar Erfjord num livro de Hinton que fora de Herbert Ashe. O envelope tinha o carimbo postal de Ouro Preto; a carta elucidava completamente o mistério de Tlön”*. (Tlön, Uqbar, Orbis Tertius, in Ficcões).

Nesse mesmo conto – no qual Bioy Casares também é personagem – para alicerçar os fundamentos da ficção, Borges simplesmente acrescentou ao exemplar da *The Anglo-American Cyclopaedia* (New York, 1917), quatro páginas necessárias para justificar a inclusão de um artigo sobre Uqbar. Um pesquisador persistente, não este que aqui escreve, poderia coletar muito mais exemplos que trouxessem informações sobre esse tipo de técnica literária que Jorge Luis Borges abraçou para incrementar sua obra em prosa.

Estava eu aqui matutando sobre isso tudo quando li no caderno Verso & Prosa um artigo de Wilson Martins, que alude a outro fato misterioso, parte do folclórico universo borgeano, essa Via Láctea de mentiras que se transformam em verdade, um poço de cegueira que se transmuta em claridade, por coincidência na mesma obra já citada. Segue a parte que cabe: *“Num dos mais belos contos de Jorge Luis Borges, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, de 1941, o narrador está sozinho, em um quarto de hotel em Adrogé, Argentina. Para se distrair, ele revisa uma tradução para o espanhol do “Urn-Burial” (O enterro em urnas), ensaio de Sir Thomas Browne, escritor inglês do século XVII. O livro de Browne, a quem Borges muito estimava, é uma dolorida meditação sobre a vaidade.*

Três anos depois, em 1944, Borges e o inseparável Adolfo Bioy Casares publicaram, no número 111 da revista literária argentina Sur, de Silvina Ocampo, uma tradução do capítulo V do mesmo “Urn-Burial”. Quarenta anos mais se passaram até que o escritor espanhol Javier Marías, leitor entusiasta de Borges, fez sua própria tradução do livro de Thomas Browne.

Perplexo, Marías descobriu, então, que Borges e Bioy acrescentaram ao capítulo V todo um parágrafo inexistente no original. Por coincidência, semanas depois, Borges desembarcou em Madri para uma conferência. Na plateia, Javier Marías resolveu tirar a história a limpo. “Traduzindo o Urn-Burial, descobri que, em sua tradução do capítulo V, o senhor acrescentou todo um parágrafo que não existe. O senhor se recorda de tê-lo inventado?” – perguntou.

Demonstrando surpresa, Borges respondeu: “É verdade mesmo? Não, não me lembro disso!” Enfatizou, ainda, que jamais se atreveria a acrescentar uma palavra que fosse à prosa de Browne. “Talvez tenha sido coisa de Bioy Casares”, ele desconversou. A resposta evasiva e irônica levou Marías a concluir que Borges não dizia a verdade. De modo indireto, ele confirmava a mentira. Confirmava a intromissão fraudulenta, mas poderosa, da ficção na ficção”. (Revista Prosa & Verso, 18/08/2007)

Outra invenção das mais conhecidas de Jorge Luis Borges e Bioy Casares é o personagem, escritor, autor, comparsa e *compañero*, Bustos Domecq. Era uma invenção que tinha vida própria, fortemente alimentada pela parelha de escritores. A respeito disso – e para conhecer essa bizarra figura melhor – reproduzo parte de uma entrevista de Borges ao jornal A.B.C., na qual Borges é inquirido acerca de Bustos Domecq:

“¿Qué es lo que más les gusta de Bustos Domecq?

–Su fondo claramente argentino. Es, digamos, un buen ejemplo del porteño: tiene todos los prejuicios, la picardía, las deslealtades, las pobreza y también las ternuras del porteño.

—Sin embargo, Bustos Domecq no es porteño...

—No. Es santafecino. Su ciudad natal es Pujato. Pero vivió siempre en Buenos Aires.

—¿Dónde?

—Por el Oeste. Exactamente en el barrio Concepción. —¿Y qué es lo que menos les gusta de él?

—A medida que pasa el tiempo le vamos encontrando más defectos. El más grave, creemos, es que no tiene ningún inconveniente en cambiar de lealtades. Es decir, que está dispuesto a cambiar su esencia, si la moda lo grantiza.

—¿Tiene ideas políticas definidas?

—En ese sentido es muy tradicionalista. Muy antiguo. Es de los que creen que el espectro político del país se agota entre los radicales y los conservadores. Posiblemente haya votado siempre por los radicales.

—¿Qué lee Bustos Domecq?

—Lee muy poco. Pero siempre dice que ha leído algún libro, para quedar bien. Para "palpar la realidad argentina", como diría él. A menudo comenta, por ejemplo, que su libro de cabecera es La cabeza de Goliat, de Martínez Estrada.

—¿Está casado Bustos Domecq?

—Nunca dijo nada. Pero averiguamos que está casado con una señora espantosa y gorda, que lo considera un intelectual raro, al que no puede seguir en sus meditaciones.

—¿Tiene hijos?

—No. En realidad, no es muy arraigado su sentido de hogar.

—¿De qué hablan cuando se encuentran?

—Hablamos del tiempo. Y de la carestía de la vida. Se queja mucho de la inflación. También nos cuenta, reiteradamente, su último veraneo en Mar del Plata.

—¿Dónde se encuentran?

—Generalmente nos citamos en un café que está en Corrientes, entre San Martín y Reconquista. Muchas veces tratamos de llevarlo a "La Fragata", pero siempre se negó. Detesta las confiterías: prefiere los cafés.

—¿Creen ustedes que tiene éxito con las mujeres?

—Sí, un relativo éxito. Acostumbra a hacerles regalos, pero como está convencido de su encanto personal, se enojaría mucho si alguien pensara que les hace regalos a las mujeres para comprarlas.

—¿Va al cine?

—A veces. Le gustan las películas americanas de guerra.

–¿Las de amor no?

–El tiene un romanticismo periférico. Lloro mucho en el cine. Las películas de amor le gustan, siempre que no sean demasiado sentimentales.

–¿Qué actriz le gusta o le gustó?

–Siempre estuvo perdidamente enamorado de Gloria Guzmán. En ese sentido es también conservador. No obstante, suele estar en las puertas de los teatros de revista cuando salen las coristas.

–¿Va a vivir muchos años H. Bustos Domecq?

– Para mí, no. Para mí ya es un extinto. A mí me gustaría que viviera mucho tiempo.

–¿Y Bustos Domecq qué opina sobre este particular?

–Nunca hablamos con él de este tema... El jamás piensa en la muerte.

3) A cidade, sim, chora triste, mas canta.

Quando estive em Santiago do Chile o estrago já estava feito, somente as marcas, os furos, a poeira e o pó sobraram pra contar a história do golpe militar. Em frente ao Palácio La Moneda é verídico que um guardador de autos, flanelinha e nas horas vagas engraxate, me contou tudo com imaginação e jeito. Enquanto engraxava meus sapatos bem devagar, com pausas sucessivas para jogarmos uma partida de xadrez, entrei de cheio nas lágrimas de Santiago, bem frescas, bem recentes, ainda correndo na face.

Uma cidade de cimento, ferro, asfalto, canos, portas, janelas, paralelepípedos, tem, sim senhor, uma alma que fica triste. Nas faces por barbear, nos rostos corados das matronas gordas, nas roupas surradas, mas limpas, existe muito de tristeza, mas o sangue ferve quando quer mostrar que nem mesmo os mais famosos tremores sísmicos não foram piores que os anos '70 – aqueles abalam as casas e as igrejas, este fez desmoronar não só a realidade, mas também os sonhos e as utopias. No entanto, a um e outro, o orgulho prevalece quando se sabe que os vilões passam enquanto a cidade renasce das cinzas, se eterniza.

Freqüentar os bares, os cafés, os bairros populares, ter bons vizinhos que conhecem o caminho para as adegas mais fornidas. Mais adiante tem um campo de pelada, um porco assado, um vinho tinto, as frutas mais saborosas do mundo, que Adão e Eva trouxeram quando foram expulsos do Paraíso, um bom papo e até um carinhoso afago, um beijo quente, das mulheres que não são viúvas, mas fingem que sim. E fazer amigos tão fiéis que não se afastam da gente nem para dormir e que choram copiosas lágrimas quando dos adeuses.

Nas noites frescas demais é hora de se recolher a um tablado moderno, na Casa de La Peña, mais conhecida como a Peña de Los Parras, na Rua Carmen nº 340, num palco rés do chão, onde cantam e dançam La cueca de los Poetas, El Albertío e Maldigo del Alto Cielo, canções de Violeta Parra e logo também de Isabel e Angel. Mas a cueca é um fado triste cantando histórias de amor, família e saudade. Os pares dançam separados, volteando um ao outro, como as aves volteiam a fêmea no ato de conquista. Um lenço branco na mão acena adeuses enquanto a guitarra e a dança, que foge a todas as características de dança: em vez de unir separam o casal pela força do destino.

Quando tudo se faz silêncio, aí, é nessa hora que a distância se anuncia como um fantasma, corpo e alma caem numa realidade que agora não tem mais como esquecer, a mente safada nos trai a cada instante, os telefonemas raros castigavam ainda mais. As fotografias pregadas na parede, recortes de jornais, um rádio, uma vitrola, uma TV surrada, nada disso substitui a imagem que trespassa as tripas, rasgando os nervos como um couro esticado ao sol para curtir. Agora é só comigo mesmo, contigo mesmo, nem a mulher a teu lado tira o peso de um Maracanã inteiro de sobre o teu corpo exaurido. É o exílio, é o exílio, é hora de pegar as folhas quase amareladas da gaveta, enfiar no rolo da máquina de escrever, ouvir o ruído das catracas, das teclas aceleradas, as palavras vão surgindo e sumindo, surgindo e sumindo. É hora de escrever o Poema.

2) Borges, co-autor do Poema Sujo?

I – A Conexão Andina

Posso dizer de Ferreira Gullar, que dele guardo uma visão do perfil moicano, com uma pasta amarela nas mãos, numa época em que eu o enxergava de um modo especial, com certo ângulo particular, como ignoro se ninguém o viu assim. Recordo-o de rosto taciturno e semblante indiático, uma figura de todo modo singular, sempre com um ar distante, mas atento por detrás do cigarro, isto é, bagana metade cinza, metade cigarro.

Revejo suas mãos afiladas de tecedor, ossudas e enrugadas, as unhas mal aparadas, como as de um moleque jogador de bola de gude e borroca... Recordo-o na janela do apartamento, admirando o pôr-do-sol numa grande Avenida de Buenos Aires, avenida estirada assim como uma esteira de piaçava parda. Relembro-o circulando pelas ruas de Buenos Aires, geralmente só, outras vezes acompanhado de vários amigos. Rememoro-o num entardecer quente de março, uma vaga paisagem desértica, olhinhos enrugados, pele queimada como a de um veterano pescador. Recordo claramente sua voz seca, ora pausada, nunca ressentida, ora nasalada, quase sempre amena e simpática. Mais de uma vez o encontrei com amigos – mais de três vezes não o encontrei... Na ocasião minha deplorável condição de brasileiro me impedia de ser inserido no projeto, este no qual se presta justas homenagens ao seu poema maior – o “Poema” sujo. Portanto subo no palanque da modéstia para dizer que o meu testemunho será, provável, o mais breve e sem dúvida o mais pobre, posto que anônimo. (1)

Eu também estive em Buenos Aires naquela época, vindo de Fray Bentos. Segui em frente, para chegar a Jujuy, seguindo para Santa Fé, depois para Mendoza e continuando a viagem para San Antonio, Santiago, Viña del Mar, Valparaíso – isso já falando das andanças em Arica, depois Santa Cruz e Lima – uma outra história que decerto não interessa neste breve relato. Em Buenos Aires conheci, por indicação segura, o casal Lando Ypuchi e Delmira, que logo de cara me declaram amor e amizade. Também gostei da pareja e nos tornamos irmãos. Logo encetamos longos papos e sobre Gullar – que sabia por ali – confessou que considerava Gullar não um super-homem, mas “um Zaratustra xucro e vernáculo”.

Desse tempo em diante Lando se tornou meu companheiro fiel, se deu de amores por nossa palestra e – sonhador como eu – passávamos o tempo consertando os enguiços do mundo. Delmira não gostava de ficar atrás, não era seu feitio, tinha tradição liberal e revolucionária, por isso participava de todos os nossos movimentos. Numa dessas caminhadas à toa, costume que tínhamos para despistar os bugres que existiam para xeretar estrangeiros, que viviam delatando, depois de um dia bochorno, encerramos tomando café com graspa. De repente, uma enorme tormenta cor de ardósia – dessas que os porteños acham tranqüilas, mas que, mesmo para um carioca é assustadora – tomou conta do céu, animada e tresloucada, como uma megera de cabelos longos

desmanchados pelo vento enlouquecido do sul, rasteiro e poeirento, para deixar as árvores fantasmas débeis, muitas folhas e galhos no chão.

Só deu tempo de começar uma carreira contra o tempo, contra a água que chegou, contra os granizos impiedosos, gelados, que surravam a minha pele exposta – já que na tropical Ilha de São Luís jamais tive no vestuário roupas para uma meteorologia daquelas. Portanto eu sofria sempre, meus lábios inchados rebentavam, minha orelha cortada doía, meus ossos sentiam a tortura do tempo como a tortura da carne... Na correria Lando e Delmira caminharam para uma ruela da qual não lembro o nome e assim chegamos ao Café Quebracho, cujo salão, que suportava não mais de dez mesas de pés de ferro, cadeiras de assento de palhinha e encosto alto, estava repleto.

O vozerio do ambiente encheu os ouvidos, mas ninguém se deu ao trabalho de olhar para nós que chegávamos meio molhados, meio atrasados, porque a hora do chá tinha passado e agora só podíamos conseguir para espantar o resfriado era algum vinho tinto ou uma graspa com soda. Lá para o fundo do salão, entre muitas falas, descolei uma voz estranha, logo decifrei que se tratava de um sotaque brasileiro. Claro que me alegrei, mas não me expus, porque aquela outra revolução nos acostumou, depois de muito apanhar, a guardar um silêncio de ouro, verdadeiro oxigênio político que mantém os perseguidos vivos e sobreviventes.

Lando Ypuchi conseguiu uma mesa de dois lugares, uma jarra de vinho tinto ajeito, um charuto e antes que começássemos qualquer conversa sinalizei que preferia escutar. Apenas consenti que ele fosse enumerando os conhecidos e numa mesa de velhos de cabelos brancos e muita fumaça me indicou Jorge Luis Borges – se eu conhecia – o escritor. – Está velho e cego, anda só com os amigos, sempre com a secretária, mas não dispensa a reunião de todos os viernes aqui. Um charuto, uma copita de Málaga e assim vive apesar de tudo em buena charla, sempre alegre sorrindo, depurando a sabedoria que distribui a todos. Se chega algum guitarrero é típico do Borges pedir que toque algum tango, fundo musical para ele contar as histórias de suas composições em parceria com Piazzola.

Ao mesmo tempo localizei uma mesa mista de brasileiros, chilenos e outros latinos – mostrei a ele, aquele ali, de cabelo índio, é o poeta Ferreira Gullar – que ele conhecia – sim, daqui mesmo do Café Quebracho. – Pois saiba que é meu conterrâneo – disse a ele, não foi sem orgulho, não só é do Brasil, mas também é nascido lá no meu estado, o Maranhão, pelas bandas do norte, nordeste, de lindas praias e belas morenas. Que Delmira e Lando Ypuchi nunca ouviram nem falar. (2)

Também quanto à presença de Gullar foi preferível não abrir o jogo. Era 1975. Estávamos no exílio, enquanto isso na nossa terra tudo de pior acontecia. De algumas coisinhas a gente sabia: que Chico Buarque recusou posar de “símbolo” da resistência ao regime (não é mesmo o estilo de Chico se fingir de mártir); que ele havia feito um show com Maria Bethânia no Canecão, mas preferia viver em recolhimento, escrevendo, amando, compondo. Assim saiu a música “Tanto mar”, uma íntima saudação à Revolta dos Cravos que havia estalado em Portugal. Escreveu com Paulo Pontes “Gota d’água”, baseada na adaptação de Oduvaldo Vianna Filho (a peça ganhou o Prêmio Molière, mas Chico não compareceu à cerimônia de entrega); que depois compôs “Vai trabalhar vagabundo” para o filme de Hugo Carvana. Deu notícia que Murilo Mendes morreu em Lisboa e logo Drummond escreveu: “Peregrino europeu de Juiz de Fora,/ telemissor de murilogramas e grafitos, instaura na palavra o seu império”.

Que Dias Gomes roteirizou a novela “A Saga de Roque Santeiro e a Incrível História da Viúva que foi nem nunca ter sido”, baseada em “O berço do herói”, que como esta foi logo proibida e censurada. Motivo: “A novela contém ofensa à moral, à ordem pública e

aos bons costumes, bem como achincalhe a Igreja”. A Livraria Muro liderava o agito cultural, promovia eventos culturais, encontros de escritores, fazia mil lançamentos, importações de livros, literatura marxista e outras que a ditadura proíbe. Entretanto, "Pau de arara, a ditadura militar no Brasil", editado pela Maspero na França, por ter capa verde-amarela, pôde circular. É que às vezes a PF apreendia todos os volumes de um lote, só porque os livros tinham capa vermelha! A novela Gabriela estoura a semi-nudez morena de Sônia Braga (Gabriela) e Ana Maria Magalhães (Glorinha). Angelo de Aquino troca Milão por Ipanema, Tom Jobim lança “Urubu”, Cacá Diegues filma Chica da Silva, Hugo Carvana adota a TV como arte, a troupe “Dzi Croquetes” faz sucesso em Paris, Rubens Gerchman assume o Parque Lage, Glauber Rocha é execrado por aproximar-se de Geisel, Zuzu Angel enfrenta a tudo e a todos para encontrar seu filho Stuart, Vinícius de Moraes troca Gesse por Martita. Tudo acontecia no Rio de Janeiro, por isso era mais que triste estar em Buenos Aires à nossa revelia.

Ficamos conversando e naquele momento a conversa mais importante era a vida de Lando, como ele confessou as traições, os tropeços e pescoções que seus pais levaram nas manifestações políticas, pois todos os seus familiares eram peronistas arraigados, mas sempre operários. E como, por isso, seguiu os passos da família e andava sempre em busca de perseguidos políticos para proteger – no que ele podia, claro. Essas coisas todas ele me falou. Mas nada parecia com a outra vida ali à sua frente. O tratamento doméstico decerto era similar, mas fora isso nosso convívio, nosso sistema educacional, até o nosso fanatismo não era por personalidades como Perón e sim por regimes. Regimes ideais de felicidade, igualdade e fraternidade – essa herança francesa que entrou no sangue brasileiro. Ainda hoje temos absoluta fé que aquilo que nos rege – bem ou mal – é o regime, o sistema. Os políticos são apenas fantoches de um deus dominador do mundo físico e econômico.

Essas e outras razões foram o principal motivo que uniram Delmira e Lando, posto que também ela tinha sua cota de mal-sucedidos e graves aventuras de sobrevivência, eram de algum modo irmãos fraternos e amantes eternos. Nem então, nem depois, nem nunca eu as coloquei em dúvida. É incrível que ninguém jamais fizesse referência ao fato de que vivemos adiando o que é adiável. Pensando que somos imortais, que tarde ou cedo todo homem realizará todas as coisas e saberá de tudo nos torna invencíveis? Claro que não!

As atividades políticas do casal datavam do movimento de 1968 em Paris. Ali atuaram por seis meses, antes de ir para Santiago do Chile, se filiar ao MIR. Depois da queda de Allende, Delmira esteve presa no Estádio Nacional. Conseguiu sair e retornou a Buenos Aires, onde reencontrou Lando. Muitos foram os despistes que encheram essa travessia: boatos de que estava morta ou detida num presídio de mulheres. Jornais franceses noticiaram que Delmira havia sido presa pelo governo argentino e sido entregue à polícia chilena. O MIR denunciou que os militares argentinos haviam detido Lando e Delmira e entregue o casal ao governo de Pinochet. Outra informação dava conta que Delmira sofria perturbações de ordem psíquica e que estava internada numa clínica situada na Calle Victorya.

Continuei a relatar ao casal amigo algumas afinidades entre mim e Gullar. – Posso dizer que, como Gullar, também frequentei o Calabouço, no Rio de Janeiro, que era a sede de cursos, da UME, restaurante, dormitório, reunião de várias entidades estudantis – que ficava ali perto do Aeroporto Santos Dumont, bem próximo também da Casa do Estudante, na esquina de Avenida Churchill com Rua Santa Luzia. E ali cheirei muito gás lacrimogêneo, ganhei muita porrada e tive meu nome levado com os arquivos do Calabouço quando da última investida policial que finalmente encerrou as atividades daquele centro estudantil.

Então, revendo Gullar numa outra dimensão, noutro espaço, não sei se a imagem de um passarinho engaiolado cai bem para descrevê-lo. Pode ser muito pífia, muito chã, mas é a lembrança que vem da minha infância, quando chorei ao ver meu pai soltar todos os meus passarinhos. Vi com os olhos mareados as pipiras, os bigodes, os canários do ceará, voando livres sumindo entre o arvoredo, demonstrando todos eles uma alegria que me chocava, considerava aquilo como a mais pura ingratidão!

Foi com esse sentido que comecei a freqüentar o Café Quebracho, em Palermo Viejo, até a me chegar mais para o grupo de brasileiros, que nem sempre tinha a presença do poeta Ferreira Gullar. Por outro lado, o casal Lando sempre me convocava quando tinha tempo – pode-se dizer que era um apaixonado pelas coisas do Brasil, nem mesmo o futebol renegava – fazia questão de afirmar que sempre achou nossos jogadores superiores em qualidade – coisa rara em se falando de um porteño. Sob a batuta do Señor Recabarren, com o corpanzil quase sempre coberto com um poncho, ali se tomava o melhor café de Buenos Aires, cujos grãos tostados vinham direto de uma fazenda cafeeira de Cali. Servia-se também bons vinhos tintos do Valle Inclán e as cepas de verão das encostas de Mendoza, servidas mais frias que o comum. Os charutos eram trazidos das pequenas fábricas independentes que sobrevivem na fronteira argentino-gaúcha.

Na mesa dos “gringos” predominavam os brasileiros. O destaque – além de Gullar e do chileno Skarmeta – ficava por conta de Vinicius e Toquinho, que naquela época estavam apresentando shows com suas últimas composições em Buenos Aires, geralmente em bares e teatros de caráter intimista. Destaque incontestável para os sucessos “Na tonga da milonga do kabuletê” e “Tarde em Itapoã”. Logo depois chegou Borges, com uma bengala escolhida entre muitas da sua coleção, vestindo um sobretudo de estilo tradicional. Ele foi recepcionado à porta pelo Señor Recabarren com sua turma, na qual se incluíam Bustos Domecq, Bioy Casares, Maria Kodama, Martínez Estrada, Benito Suárez, Lynch Davis, Gervasio Montenegro e outros. Todos foram recebidos com entusiasmo, com reverência de inúmeros saludos e alguns aplausos isolados, agraciados pelos freqüentadores presentes. (3)

A mesa de Borges era concorrida e a conversa era interrompida com freqüência, ora pelo cumprimento exaltado dos que chegavam, ora pela despedida carinhosa dos que saíam – o que demonstrava todo o amor que os porteños sentiam por ele, uma unanimidade nacional. (4) De longe se ouvia a voz roufenha de Borges. Ele contava, pela enésima vez, como solucionou um crime antigo, mostrando o que todos sabiam: sua queda por coisas misteriosas, de causa natural ou não. Há uns anos atrás – dizia – numa viagem de trem que fazia entre Buenos Aires e Mendoza, quando – na estação de Córdoba – a viagem foi interrompida. No vagão dos correios havia ocorrido um assassinato duplo e o roubo das malas postais que continham mais de dois milhões de pesos.

Borges foi ao local do crime observando tudo e quando menos se esperava, igual a um Sherlock gaúcho, chamou o chefe de polícia a um canto e com meia dúzia de palavras deu todas as pistas para solucionar o crime. As ordens foram dadas, os cadáveres foram retirados e a viagem prosseguiu. Antes de chegar a Mendoza, Borges recebeu mais uma vez a visita do chefe de polícia, desta vez entre sorrisos e calorosos apertos de mão. O criminoso foi preso e apesar de ser de importante família política, julgado e condenado. Os brasileiros, como sempre, eram de arrumar discussões inconclusas, o peculiar jeito de saltar de um tema para outro sem mais nem menos, de falar alto e soltar vastas gargalhadas. Com a presença da dupla formada por Vinicius e Toquinho, em pouco tempo a mesa se transformou em palco e todos estavam cantando. Foram muitas as reuniões de Gullar com os brasileiros que passavam por Buenos Aires – isso trazia sempre um ânimo renovador. Algum tempo depois Borges chamou o Señor Recabarren para saber quem eram os componentes daquela mesa barulhenta e quando tomou

conhecimento do nome de todos que estavam ali, de imediato pediu que os convidassem a participar da sua mesa.

O señor Recabarren em pessoa foi fazer o convite, acedido prontamente, tratando de juntar o grupo de mesas. Logo depois das apresentações de praxe o que se viu foi uma discussão superior às acadêmicas, na qual prevalecia o caráter e a nacionalidade da América Latina. Em algum momento foi posto em destaque a lástima do fato, trágico, que era estar a região submersa em governos autoritários e déspotas, fosse causador, sin embargo, como alguém ressaltou, desse memorável encontro – absolutamente inconcebível em outras circunstâncias. Se existia uma mesa mais barulhenta do que a dos brasileiros, essa mesa era a dos milongueiros. Ficavam lá para o fim do salão, unidas duas ou três mesas, encostadas na parede. As cadeiras se espalhavam em volta e não era raro ter gente rondando em torno ou ouvindo a conversa entre um cigarro e outro. Chegavam aos poucos, mas em pouco tempo se multiplicavam como moscas no lixo. Eram os aficionados pelo tango que ali faziam uma preliminar antes de se dividirem entre as várias casas de tango e milonga nos arredores. Nesse caso, o tango – como a milonga – era cantado apenas com o acompanhamento do violão, à moda antiga, mais ritmado, volta e meia em solos curtos, deixando à voz o principal papel. (5)

Era raro alguém chegar com um badoneón, quando isso ocorria era tocado em surdina, um fiapo de som que invadia todo o salão e acabava por calar todo mundo: agora eram dois instrumentos – bandoneón e voz – que dividiam entre si os aplausos incontidos dos presentes. Quando Borges chegava com a sua turma era já uma tradição a aproximação dos milongueiros à sua mesa para prestar uma singela homenagem ao grande poeta porteño. Borges, é claro, se orgulhava desse reconhecimento porque, tendo algumas de suas poesias sido musicadas por compositores de milongas, também ele se considerava um poeta da milonga. Mas a verdade é que Borges não gostava do som choroso do bandoneón (instrumento importado da Alemanha), talvez por alguma lembrança de um poema arrependido, Remordimiento (escrito logo após a morte da sua mãe), cujo tom “*sensiblero y llorón*” se aproxima muito das letras de tango. Para ele o tango ou a milonga só o violão como acompanhamento bastava. Gostava de poucos tangos, à moda antiga, cujas letras não eram tão afetadas, chorosas e trágicas. (6)

Um dos tangos mais apreciados por Borges era “Yira yira” de Enrique Santos Discépolo. (7) Não obstante o tom dramático que a letra tratava do cotidiano – ou talvez por isso mesmo – Borges considerava a letra de “Yira yira” recheada do surrealismo mais puro:

Yira yira

Cuando la suerte qu' es grela,
fayando y fayando te largue parao;
cuando estés bien en la vía,
sin rumbo, desesperao;

cuando no tengas ni fe,
ni yerba de ayer secándose al sol;

cuando rajés los tamangos
buscando ese mango que te haga morfar...
la indiferencia del mundo
-que es sordo y es mudo-
recién sentirás.

Verás que todo el mentira,
verás que nada es amor,

que al mundo nada le importa...
¡Yira!... ¡Yira!...

Aunque te quiebre la vida,
aunque te muerda un dolor,
no esperes nunca una ayuda,
ni una mano, ni un favor.

Cuando estén secas las pilas
de todos los timbres que vos apretás,
buscando un pecho fraterno
para morir abrazao...

Cuando te dejen tirao
después de cinchar lo mismo que a mí.

Cuando manyés que a tu lado
se prueban la ropa que vas a dejar...
Te acordarás de este otario
que un día, cansado, ise puso a ladrar!

Essa letra, realmente cheia de elementos surreais, ainda que urbanos, serviu para levar ao ridículo o escritor español Francisco Umbral tudo por causa de um versículo que incluiu no seu “Diccionario para pobres” (Sedmay Ediciones S.A., Madrid 1977, Pg. 183), aquí citado literis:

“YIRA. Realmente, no se sabe quién es Yira. El nombre sale en un tango argentino muy famoso. Y el cantante del tango, que suele ser un señor muy desafortunado y con poco sueldo, le dice: “Verás que todo es mentira, verás que nada es amor, que no se encuentra en la vida, Yira, Yira, una mano, ni un amigo, ni un favor”. Vale. Es verdad. Es Nietzsche con música del suburbio de Buenos Aires e los acordeones de Palermo. Es Heráclito pasado por Jorge Luís Borges. Pero ¿quién coños es Yira? “Cuando no tengas fe ni yerba de ayer secándose al sol, cuando estén secas las pilas de todos los timbres, que vos apresetás...” ¿Quién es esa Yira que ha perdido la fe, que ya no va a misa ni al estanco, sino que fuma yerba de ayer puesta a secar al sol, que ya no toma el mate en la pastelería, con Gardel y Cortázar, sino que se lo fabrica ella misma, que se pasa el día apretando timbres para fastidiar al vecindario, y ya ha secado las pilas? Yira. No sabemos quién es Yira, pero nos gusta ese tango, como casi todos los tangos, y nuestra gran frustración, che, es no conocer a Yira, y que se deje de pavadas y andar poniendo porquerías al sol, faltando a la misa tan linda y tocando timbres en vez de llamar por el teléfono de góndola recién”.

No princípio da carreira de Astor Piazzolla (que Borges chamava de “Pianola”, fazendo gozação das estruturas pianísticas e sinfônicas que o compositor elaborava nas composições), o poeta cismou com seus tangos “*que no son tangos*”. Nho entanto, depois do reconhecimento internacional de Piazzolla, Borges se deu conta que não poderia ignorá-lo: o poeta escreveu algumas milongas e também muitas letras para compositores de tangos. Por fim, acabou por se entregar ao tango moderno e entrou com Piazzolla em estúdio para gravar vários discos com tangos compostos de suas letras, como também vários poemas recitados com trilha musical exclusiva para a ocasião.

II – Intermezzo para lembrar Mirna

“Estamos hablando del compañero Jorge Julio López, el testigo en la causa contra Miguel Etchecolatz. Represor que sigue gozando de buena salud, mientras este

trabajador de la construcción, honesto y valiente, sigue desaparecido. Desaparecido en 1976, desaparecido en 2006 y vuelto a desaparecer por la actitud desapacible y responsable del Estado, los medios de comunicación masiva, que induce al olvido a la opinión pública y, sólo en algunos sectores del movimiento obrero se lo recuerda, se exige su aparición”.

Estávamos eu, Lando e Delmira, vasculhando uma livraria em busca de novidades quando Mirna entrou. Ao se verem – ela era velha conhecida do casal– Delmira e Mirna correram a se abraçar como amigas íntimas que não se viam há muito tempo. Depois que fui apresentado, a conversa correu mais animada, já que Mirna sempre tinha informações quantíssimas e notícias políticas frescas. Ela trabalhava na redação do El Clarín¹ como repórter e revisora, além de muitos trabalhos como freelancer em outros jornais e revistas. Fizemos alguma compra na livraria, o que a grana curta permitia, em seguida fomos juntos caminhar pelas ruas. Algum tempo depois, muita conversa tinha rolado, paramos em um café desses de cadeiras na calçada, toldo listrado e muita gente a circular.

Mirna Val (de Valiente), um sobrenome que ela não usava com ela, porque nas raras matérias que assinava – ela na verdade preferia o anonimato da reportagem – firmava apenas “Mirna” ou “Mirna Val” e foi assim que se tornou conhecida no meio jornalístico. Mirna realmente tinha as melhores informações possíveis, porque, trabalhando na redação podia ler que corria entre as agências de notícias, inclusive (e principalmente) o que era censurado pelo governo militar. Para mim ela teve o prazer de dar notícias do Brasil e de muitos companheiros, chegados, saídos, desaparecidos. As quedas, as fugas, as pequenas conquistas, tudo aquilo que muitas vezes chegava até nós como boato, na voz de Mirna tinha fundo de verdade. E nos alegrava e nos entristecia, conforme fosse.

Na saída do café, por algum motivo que hoje não recordo, Mirna me convidou para ir ao seu apartamento e foi nesse mesmo dia que a conheci, que começou nosso relacionamento. Ela morava sozinha, era solteira, não tinha um namorado à vista e nem mesmo foi preciso perguntar esses detalhes. Foi uma coisa normal, que ocorreu num momento exato, porque assim as coisas acontecem e dão certo. E foi no apartamento de Mirna que pela primeira vez em meses pude tomar um banho decente e vestir roupas decentes e cheirosas, as dela, enquanto as minhas passavam por uma faxina geral para tirar o cheiro do uso abusivo e constante. Algumas roupas se mostravam até imprestáveis e foram descartadas por ela, entre chistes e risos. Eram poucos os momentos para sorrir.

“Encapuchados y fuertemente armados, personas de civil, identificados como oficiales de la Policía Federal, golpearon brutalmente la puerta de la vivienda de Salas y Valdez 1.079 del ex senador provincial justicialista Guillermo Vargas Aignasse a las 3.30 de la madrugada negra del 24 de marzo de 1976. Después de avisarle que quedaba detenido, bajo amenazas de armas de fuego, Vargas Aignasse fue encapuchado con la funda de una almohada y retirado del lugar. Y luego fue alojado clandestinamente en la Brigada de Investigaciones. Allí fue sometido a tratos crueles inhumanos e interrogatorios bajo torturas y el 31 de marzo fue trasladado al penal de Villa Urquiza en calidad de detenido por orden militar en estado incomunicado. El 1 de abril fue la última vez que Vargas Aignasse fue visto con vida por su esposa, mientras caminaba solo en el patio de la cárcel”.

Acreditem, nos dias em que a barra pesava tínhamos de circular com tanta velocidade que era impossível fazer as necessidades higiênicas de maneira civilizada. Tanto usávamos as mesmas roupas que, por essa causa, muitos companheiros perderam, pois eram identificados pela camisa, pelo casaco, pelo conjunto que usava no momento. Nessas horas limites, eu fedia tanto que nem mesmo eu agüentava. O recurso era usar

um banheiro público, dos que não fossem muito vigiados. Eles sabiam que vivíamos como ciganos e assim a vestimenta se tornava um ponto de identificação.

Todos que viveram um pouco esse momento histórico sabem que o pior mal que o exilado sofre é a carência de amor, de afeto, de amigos. Dessa maneira, frágil como todo homem solitário é frágil, foi que passei a frequentar o apartamento de Mirna. Nossa amizade se transformava em amor e de novo em amizade, numa relação que os amigos Lando e Delmira aprovaram tão alegres, que em nós viram aquela velha história de feitos um para o outro. Além do mais Mirna tinha muitos cuidados para comigo. Devido a minha situação irregular, tomava precauções. Só íamos juntos a lugares cuja segurança era absoluta, sem nenhum risco nem para nem para ela, se fosse o caso de ser pego pela segurança. Se houvesse algum sinal de presença que pudesse pôr minha liberdade em risco ela me afastava logo e saíamos para outro lugar distante e seguro. Muitas vezes retornamos para sua casa, comprávamos vinhos, queijos, salames e – se possível – chamávamos algum casal amigo, de confiança, para se entocar com a gente. Eram noites animadas para esconder os dias tristes...

“Entre el silencio y la angustia, los días van pasando y la oscuridad se apodera de nuestro ser para dar paso a la renovación de nuestra exigencia por la aparición con vida de Jorge Julio López, por el cese de la impunidad y por el juicio y castigo a los responsables de su secuestro. Nuevamente, al igual que los once anteriores meses, volvemos a seguir exigiendo que el Estado asuma sus responsabilidades, que informe acerca de lo que sabe para, al menos, intentar mantener la esperanza viva. La ausencia de novedades acerca de lo acontecido, en este largo período, no hace más que alimentar la zozobra de familiares y amigos por la suerte corrida por el compañero, que declaró valientemente en el juicio contra el genocida Etchecolatz. También para quienes todavía conservan el fuego sagrado de la lucha en estos tiempos discepolianos donde la Biblia se mezcla con el calefón, donde la petición de derechos, y de su garantía por parte del Estado, solamente recibe como respuesta la endiablada represión”.

Também foi assim que retornei aos poucos à civilização, presente que Mirna me deu e que eu aceitei de bom grado. Agora passei a dividir minha vida entre o quarto de pensão e o apartamento de Mirna, lógico, guardando eu também os cuidados necessários para que a vida dela de nenhum modo fosse afetada em razão de minha presença. Por isso na maior parte das vezes nosso encontro era na rua, em apartamentos de amigos seguros, nos bares e cafés, nas livrarias. Ocasionalmente fui à redação quando ela trabalhava até mais tarde, ali podia usar alguns meios de comunicação que me traziam notícias de casa, dos amigos do Rio de Janeiro. Outras vezes, nos fins de semana, fugíamos da cidade para algum bairro distante ou mesmo uma das muitas cidade satélites próximas a Buenos Aires. Uma vez fomos para Entreríos, outra até Santa Fé, a visitar amigos e parentes dela, sempre amistosos e acolhedores e também, porque não, para filar generosos almoços e o sempre constante vinho caseiro.

Mirna era alta e magra, mas o seu corpo guardava as proporções, de modo que não demonstrava uma magreza assim demasiado ossuda. Pelo contrário, seus contornos eram parecidos com o corpo das modelos. A pele muito alva contrastava com a morenice índia de Delmira, ao passo que Mirna tinha o corpo esguio salpicado de incontáveis sinais pretos, de todos os tamanhos. Os seios pequenos e pontudos se misturavam aos sinais de sangue num só conjunto. Muitas vezes eu acordava de manhã cedo – hábito que todo fugitivo adquire e preserva para toda a vida – os raios de sol começando a entrar pelas frestas da janela me davam a oportunidade de observá-la ainda dormindo. Afastava com cuidado o lençol e o cobertor para admirar o corpo esguio, bonito, mais do eu merecia naquele momento.

Uma das particularidades da personalidade de Mirna sobressaía quando o assunto era preso político. Como todos nós ela lutava pela liberdade dos prisioneiros políticos, mas de uma maneira imperceptível e super discreta. Isso explica porque o resultado de sua atuação era muito mais eficiente do que nós poderíamos fazer juntos. Os membros da família de Mirna, de classe média alta, participavam da vida cultural, comercial e social de Buenos Aires. Então o inevitável se deu: quando os militares tomaram o poder e chegou a hora de tomar posição, a família se subdividiu em camadas. Havia aqueles, sendo militares de carreira, não tiveram alternativas senão apoiar o golpe, enquanto que os que pertenciam ao grupo comercial optaram pela continuidade dos negócios fosse sob esse ou aquele regime. Os voltados para os ramos culturais (havia músicos, diretores de cine, teatrólogos, jornalistas), trabalhavam em defesa da legalidade, dos direitos humanos, da liberdade. A discrição – que não se confundia com omissão – com que Mirna tratava desses assuntos, acabou por transformá-la numa profissional respeitada, inatacável.

“El sábado falleció Alberto Argentino Augier (1921-2007), una de las víctimas de los años negros de la última dictadura. Augier había ejercido la medicina y la docencia en su ciudad natal Aguilares. Allí el 29 de octubre de 1976, cuando salía del establecimiento fue interceptado por tres polizontes (la clandestinidad del operativo no merece siquiera llamarlos policías), que luego lo alojaron en el Centro Clandestino de Detención Arsenales Miguel de Azcuénaga, dependencia del ejército argentino ubicado sobre ruta nacional Nº 9 y en ese campo de concentración, fue víctima de torturas físicas y psíquicas. Em marzo de 1977, es arrojado como paquete en la periferia de la ciudad de Concepción. Su coherencia y convicciones democráticas le valió el reconocimiento de la sociedad, al margen de las extracciones partidarias, sean peronistas, radicales, socialistas, comunistas o liberales, que como despedida y a través de las palabras de Eugenio - su hijo menor frente al mausoleo expresó: - Los ejemplos de vida quedan para siempre”.

Quando chegaram as notícias deque se iniciava a abertura política no Brasil, Mirna foi a primeira a me informar. Agora já estávamos juntos há mais de seis meses. Mirna havia conseguido algum trabalho para mim, o que me deu a garantia de uma pequena renda própria. Já não dependia mais das remessas de dinheiro do Rio de Janeiro, das vaquinhas dos amigos, das penduras em bares conhecidos. Entre alguns bicos escrevendo artigos e crítica sobre cinema, teatro e arte, surgiam oportunidades para escritos mais longos: folhetos de exposições, traduções, prefácios de livros, como também uma ou outra palestra sobre literatura brasileira.

Mirna se interessou tanto pelo tema do retorno dos exilados brasileiros, que chegou a escrever reportagens e artigos seguidamente, registrando do certo estardalhaço a notícia de que os primeiros banidos retornavam ao país. E quando chegou minha vez havia aquela expectativa da separação. Mirna sequer cogitou considerar um convite meu para ir ao Brasil. Após tanta convivência com exilados de todos os cantos que chegavam a Buenos Aires – e dos milhares de portenhos que deixavam a sua terra para fugir da teia – ela guardava na própria carne as amarguras e desastres que ocorriam a cada um de nós.

Engrossou o coro que faziam Lando e Delmira alimentando nossa esperança no retorno à terra natal, a certeza de que as instituições iriam se normalizar no Brasil. Mas quando ficávamos sós Mirna se mostrava ora triste, ora alegre, ao mesmo tempo insistia em me transmitir a sua convicção que tudo iria dar certo. Nunca compreendi bem esse tipo de sentimento. Era como se fosse uma missionária que tinha como objetivo o bem estar da pessoa que amava, sem se importar consigo mesma.

“Otro público, más reducido, sabe que hubo un estudiante Miguel Brú, un albañil Andrés Núñez, un joven Sebastián Bordón y varios más. Para colmo el testigo contra

el genocida Miguel Etchecolatz. Ahora vuelve al primer plano con el aniversario pero puede que en el futuro se repita el esfumado y así hasta que apenas quede el recuerdo en los núcleos más concientes. El resto estará ocupado con el precio de la papa y el tomate, lo que no está mal pero no debería excluir estas preocupaciones sobre la vida y los derechos humanos. Después sí, hubo numerosos allanamientos y entrecruzamientos de llamadas telefónicas entre los sospechosos del grupo de policías vinculados con el condenado Etchecolatz, en Marcos Paz. Pero ya era tarde. Esas actuaciones siguieron revelando complicidades del aparato policial: 9.000 policías ingresados durante la dictadura seguían prestando funciones actualmente. El Servicio Penitenciario no es ninguna pinturita democrática y su jefe perdió el cargo, se supone porque hombres bajo su responsabilidad avisaron a Etchecolatz de los allanamientos que habría en la prisión”.

No aeroporto nos despedimos da maneira mais carinhosa possível. Tapava a minha boca com a mão toda vez que iniciava algum agradecimento ou alguma sugestão de reencontro. Mirna parecia ter nas mãos o controle do destino, de tal maneira eficiente e corajosa, que só podia ser coisa consanguínea, vindas dos seus ancestrais. Queria se despedir da mesma maneira natural como me conheceu na livraria. E assim foi. Depois de algumas poucas cartas e telefonemas trocados espaçadamente nunca mais tivemos notícia um do outro.³

¹El Clarín foi fundado em 28 de agosto de 1945 em Buenos Aires pelo jornalista, político e ex-ministro Roberto Noble. Tinha o formato de tablóide, ilustrado, fácil de ler, focado no entretenimento e nos esportes. Bem recebido pelos leitores, levou algum tempo para se consolidar e ganhar influência. Em 1963 se transformou no jornal de maior circulação de Buenos Aires. Em 1967, com o fechamento de "El Mundo" (o primeiro tablóide editado na Argentina), El Clarín época passou por muitas inovações e a publicar uma revista semanal. Com a morte de Roberto Noble, em 1969, o jornal foi herdado pela viúva, Ernestina Herrera de Noble.

² A fonte das informações intercaladas ao texto são da Argenpress.

³ Não, não contei tudo sobre Mirna. Talvez um medo da distância tenha calado fundo sobre algum segredo. Mas agora me pesam duas informações e tenho de ceder. Não contei que Mirna não depilava as axilas. Tampouco aparava os pêlos pubianos. Nem raspava as pernas. Era uma curiosidade que se transformava em charme. Quando usava camiseta os pêlos vazavam das axilas e ficavam à mostra. Quando a vi nua pude acompanhar o rastilho que se formava no umbigo, numa tira fina, reta, para depois se alargar sobre o sexo e desaparecer entre as coxas, atravessar as nádegas e desaparecer na bunda, onde duas covinhas se sobressaíam. De qualquer modo era um lance de prazer deitar o nariz em seus pêlos e ficar aspirando um cheiro único que não se forma em mais lugar nenhum. E como depois de transarmos ela, simples e pura, se virava de costas para mim para um último ritual. O outro segredo eu guardei por amor e fidelidade. Várias vezes me advertiram sobre a leve suspeita de pairava sobre Mirna, que poderia ser uma *doble*, isto é, que também servia informações aos agentes da ditadura. Tudo porque era sobrinha de um general. Mais leve que a suspeita era nosso relacionamento e portanto ignorei todos os boatos a respeito.

III – A Conexão Rio

Na realidade, enquanto Delmira se encantava com as coisas femininas (costumava glosar Guevara dizendo – Sin perder la feminilidad jamás!), a Lando Ypuchi agradam as simetrias e os leves anacronismos. O primeiro frescor do outono, depois da opressão do verão escaldante, era como o símbolo natural de seu destino. A cidade, desde as seis da manhã quando jogava as primeiras cargas de água no rosto, não havia ainda perdido

o aspecto de casa velha que a noite infunde. As ruas eram amplos saguões, as praças não eram os pátios?

Reconhecia com felicidade e sintomas de vertigem as esquinas, recordava os cartazes coloridos de Coca Cola, as modestas diferenças de Buenos Aires, que se esticava até aonde principiava o sul, do outro lado de Rivadavia. Uma vez, sem mais nem menos, Lando Ypuchi começou a falar bruscamente de um café que existia na Calle Brasil, a poucos metros da casa de Yrigoyen (8), onde vivia um enorme gato peludo como um tigre, que se deixava acarinhar apenas por determinadas pessoas, como uma divindade desdenhosa. Um gato prostituto que esnobava daqueles que o cheiro ou a aparência não o agradava...

– Mais para lá – Lando apontava para o infinito onde a linha do horizonte topa com o ruço azulado da atmosfera – desgarram-se todos os subúrbios da Grande Buenos Aires. E descreveu o mapa de uma visão cheia de estradas, as estâncias, jardins de haciendas famosas, viñas de cepas premiadas e quintas soberbas, só visíveis ao olhar da imaginação.

Pois foi num desses dias de verão, quando a temperatura chega fácil aos 40°C, que a gente disputava cada centímetro cúbico do ar que os ventiladores do Café Quebracho enegrecidos pelo fumo lançavam, num dia desses aconteceu de passar ali uma patrulha do exército. Ao pressentir a manobra que o veículo militar se preparava para fazer, tomando assim o retorno em direção ao café, o Señor Recabarren correu de imediato para o grupo dos estrangeiros, como éramos conhecidos. Encaminhou todos por uma escada, caminho até então desconhecido, que descia a um sótão que servia de escritório e tinha a adega como anexo. Entre os freqüentadores locais, não se viu movimento algum: na verdade, já estavam acostumados e pouco ligavam a essas batidas militares.

Quanto a nós, lá fomos todos, os estrangeiros e alguns locais, embrulhados no mesmo saco, rumo ao porão. Quase tudo que tínhamos nas mãos, livros, jornais, maços de cigarro, isqueiro – foi largado sobre a mesa. Gullar, temeroso como todos nós, na pressa, deixou uma pasta amarelada tipo escolar, dessas fechadas com elástico nas extremidades. A pasta continha, entre vários papéis, as 52 laudas datilografadas da primeira versão revisada de um poema ainda sem nome (como título apenas a palavra “Poema”). Era o embrião do Poema Sujo. (9)

Sob a batuta do Señor Recabarren, com o corpanzil quase sempre coberto com um poncho, ali se tomava o melhor café de Buenos Aires, cujos grãos tostados vinham diretos de uma fazenda cafeeira de Medellín. Recabarren, apesar do corpo expandido para as laterais, era irrequieto e incansável. Atravessava as mesas atropelando os obstáculos para chegar e atender com amabilidade a quem o havia requisitado. Volta e meia entrava as frases com um carajo, joder e outros palavrões de uso vulgar e com essa maneira democrática de receber, aflagava tanto escritores, músicos, intelectuais, pintores, como também os bigardos. No café serviam-se também bons vinhos tintos do Valle Inclán e as cepas de verão das encostas de Mendoza, servidas mais frias que o comum. Os charutos eram trazidos das pequenas fábricas independentes que sobrevivem na fronteira argentino-gaúcha.

O Señor Recabarren prontamente recolheu tudo, inclusive a pasta amarela de Gullar, jogou na mesa mais próxima, justamente a de Borges e seus amigos. Foi assim, dessa maneira e não de outra, que o rascunho do “Poema” sujo foi parar nas mãos do insigne autor de Ficciones. Depois nada se soube do que tinha ocorrido. Quando emergimos do porão que era ao mesmo tempo a adega, chamados pelo próprio Señor Recabarren (“Ahora pueden salir tranquilos”, nos disse), nessa hora vimos que o salão já estava vazio e as portas do Café arriadas, os empregados limpavam o assoalho e faziam todos aqueles preparativos para encerrar o expediente. Fomos encaminhados para a rua por

uma porta lateral, sempre cautelosos e apressados. Ainda naquele momento não passou pela cabeça de ninguém recuperar os objetos que ficaram na mesa. Apressados para sair do local, uns pegaram os táxis que passavam vazios, de retorno dos subúrbios, outros mais duros seguiram para a estação do metrô, eu e Lando fomos caminhando a pé, como era costume. Foi com Lando que aprendi que é bastante seguro e muito eficaz andar a pé, atravessando becos entre as quadras, misturado com a população comum.

Aqueles anos '70 também foram de sangue em Buenos Aires. A impressão que se tinha era de uma eterna vigilância: nos espiavam dormindo, acordando, no banheiro, comendo, bebendo e até *follando*. E como até para *follar* é preciso intimidade, o medo de brochar vinha em seguida: naquela circunstância morrer e brochar era tudo igual. Por outro lado, Lando também era o meu fornecedor de más notícias, função esta que Delmira contrabalançava com prazer, destinando suas falas às notícias culturais e esportivas. Foi assim que soube dos patrícios que caíam nas mãos da *Seguridad* e jamais se tinha notícia. (10)

Foi assim que soube acerca de Tenorinho, pianista que tocou em Buenos Aires acompanhando Toquinho e Vinícius. Ele sumiu em 1976, tragado pelos paramilitares clandestinos da repressão, sem deixar pista. Vinícius de Moraes, junto com Toquinho e outros amigos, como o próprio Ferreira Gullar, se mobilizaram para localizá-lo, mas foi inútil. Procuraram em hospitais, clínicas, delegacias, buscaram ajuda na embaixada brasileira. Nada sabiam. O próprio cônsul brasileiro informou que nada sabia.

E de Maria Regina Marcondes, desaparecida desde 1976, também cercada de boatos para despistar: “desapareceu após ser seqüestrada”; “em 08 de abril de 1976, foi presa na Argentina”; “está detida no Estádio Nacional de Santiago”; “está internada numa clínica paramilitar destinada a torturas”; “fugiu para São Paulo para visitar os familiares”. As notícias falsas eram espalhadas pelos milicianos de direita. Mas quando recebíamos nossos olhares emudeciam de tristeza. Era mais um companheiro caído. Essas e outras tantas informações que são plantadas, difundidas e espalhadas por aí, ora em notas pequenas dos jornais, das rádios e vinhetas de TV, justamente para confundir e dificultar a localização de pessoas que sumiram e estão sendo procuradas. E assim foi com Roberto Rascardo, com Sidney Marques, com Walter Fleury e tantos outros brasileiros, argentinos, chilenos, que simplesmente sumiram nas mãos da repressão.

Apesar de tudo alguns sobreviveram, usando táticas diferentes. Era o que chamávamos “técnica de sumiço”. Cada um inventava a sua, à sua maneira particular. A que escolhi era diversificada, sem agenda. Ir a lugares cuja presença de gente fosse quase nenhuma, a locais freqüentados pela classe média baixa da população. No Chile, vivendo em Valparaíso, zona portuária, acostumei a me largar lá pelas bandas de Reñaca, uma praia de areias vermelhas, pouco freqüentada – assim como era a Grumari dos anos 1970. Em todas as duas, em certas horas dava para tomar banho nu sem ser incomodado.

No Peru vivia no entorno da periferia, onde eram realizadas as feiras populares. Se a barra estivesse muito pesada ou me viesse a desconfiança de algum recém chegado, sumia e ia dormir nas igrejas antigas, onde tem sempre um quartinho nos fundos para abrigar os viajantes. Os frades dessas igrejas de bairros pobres eram jesuítas, mais doutrinados e sabiam com certeza que éramos fugitivos políticos. Eles tinham muitas informações sobre o que ocorria tanto no Peru de Alan Garcia, quanto nos países de governos militares vizinhos. Em Buenos Aires tive a sorte de encontrar Aymara e o casal Yapucho e Delmira, que eram mais especializados em sumir do que eu e não tive dificuldades. Sumir por bibliotecas, universidades, igrejas, bairros antigos, pequenos estádios de futebol onde os campeonatos de segunda divisão eram disputados, toda essa mobilidade dificultava nossa localização.

Nunca facilitar, essa era a regra de ouro. Assim ocorreu conosco, os sobreviventes, infelizmente não o foi o mesmo para centenas de companheiros. As informações falsas são plantadas, difundidas e espalhadas por aí, ora em notas pequenas dos jornais, das rádios e vinhetas de TV, justamente para confundir e dificultar a localização de pessoas que sumiram e estão sendo procuradas. E assim foi com Roberto Rascardo, com Sidney Marques, com Walter Fleury e tantos outros brasileiros, argentinos, chilenos, que simplesmente sumiram nas mãos da repressão. Não era mesmo aquela Buenos Aires dos tangos e das milongas. Nem mesmo aquele somido do qual Borges dizia: *"El tango hacía su voluntad con nosotros y nos arriaba y nos perdía y nos ordenaba y nos volvía a encontrar"*. Até o futebol – paixão declarada de todos argentinos – até o futebol sentia a opressão natural que vinha pelo ar, na expressão das pessoas, nas transfigurações do tempo.

Aconteceu o que era normal acontecer: sem aviso prévio, todos nós que estávamos à margem da sociedade política resolvemos nos entocar, sumir, desaparecer para sobreviver, embora isso soe estranho. Como? Deixando de freqüentar os locais que serviam para reunião, embora muitos deles se mostrassem na aparência alguma segurança. Entre eles sem dúvida o Café Quebracho era o mais garantido, não só por ser um lugar de aparência invisível, como pela segurança que o seu proprietário e empregados oferecem, como defensores legítimos da liberdade.

Um dia Delmira chegou mais agitada que de costume: *"Salomon, trago notícias. Estive no Café Quebracho e falei com Señor Recabarren. Disse-me que agora está tudo tranqüilo, os milicos só aparecem para filar o vinho, o café, cigarros. E veja o que trouxe!"* – e exibiu com as duas mãos, como se fosse um troféu, a famosa pasta amarela com o "Poema" do Gullar. *"A secretária de Don Jorge Luis Borges deixou a pasta para entregar a alguém que fosse daquele grupo de brasileiros que esteve lá reunido. Parece que, de todos, sobrou só você mesmo"*.

Naquele momento de perigo, Gullar e todos os demais sumiram de vez, com toda razão. Diziam que a repressão no Brasil continuava braba, mas já dava sinais de estar nos últimos estertores, em virtude da grande pressão internacional pela legalidade democrática. E Delmira desandou a dar uma série de notícias, muitas delas a gente já sabia, chegada assim no boca a boca diário, ora em forma de boato, que a gente já tinha experiência em refinar. Jorge Luis Borges tinha viajado para a Espanha. Na agenda muitas palestras, lançamentos e a honraria do Prêmio Cervantes, que lhe seria entregue pelo Rei Don Juan.

Vinicius de Moraes encerrou a excursão que fazia com Toquinho em Buenos Aires e depois de passar em Punta del Este voltou para o Rio de Janeiro. Teve a sorte de levar consigo uma cópia e a fita cassete gravada com o "Poema Sujo" de Gullar. Ao chegar no Rio de Janeiro, Vinicius imediatamente tratou de reunir os amigos, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Afonso Romano, Marina Colasanti e outros. Ele estava convencido da importância que o "Poema" de Gullar teria para o momento político e intelectual. Com a adesão irrestrita desses e de outros autores, tratou de promover uma série de leituras nas universidades, nas salas culturais, nos apartamentos, apoiada por todos os amigos escritores, compositores, poetas, intelectuais. (11)

A partir dos bares de Copacabana e Ipanema, o "Poema Sujo" começou a circular em cópias pelas faculdades de letras. Alguns grupos se movimentaram rápido e de modo incontrollável, como fogo num roçado, a poesia de Gullar transitava por todo território brasileiro, era recitada em saraus improvisados, teve excertos dramatizados na versão anual ao Teatro do Estudante e alguns trechos começavam a ser musicados, ganhando vida independente. Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira, publicou o "Poema Sujo" inteiro, quase em forma fac-similar, no formato de um caderno escolar de escrita horizontal, como aqueles pautados para estudantes de música. A edição feita em papel

jornal dava uma aparência rústica semelhante a um folhetim. Saiu a um custo barato e o livrote também se tornou figura obrigatória nas mãos dos jovens estudantes. (12)

Dentro da pasta amarela que Delmira me entregou vinha também uma carta de Borges em folhas datilografadas, um texto irregular, mas preciso. À margem do texto do “Poema”, em letra feminina, algumas não poucas anotações sobre o “Poema”, claramente ditadas por Borges. Ao fim um arremedo de assinatura, da qual só ficou uma fotocópia. (13)

NOTAS

(1) Depois da derrocada do Governo Allende, Gullar passou por Lima, mas logo depois se mudou para Buenos Aires. Recebeu avisos para não ir, mas alguma coisa falava mais alto ao seu coração e logo estaria na Argentina. Gullar tinha muitos amigos argentinos e não dava para perceber que havia em gestação um golpe militar, que não tardou em chegar. Foi lá, temendo pelo pior, já que alguns de seus amigos haviam sumido, que Gullar decidiu “escrever um poema que dissesse tudo o que me restava dizer, um poema final”, como contou em várias entrevistas e também no depoimento que deu na FLIP.

(2) Em 1975 Borges havia sofrido um choque com o falecimento de sua mãe Leonor Acevedo, de 99 anos de idade. Nesse mesmo ano Borges publica *La rosa profunda*, livro de poesia e *El libro de arena*, de relatos “cujos sonhos — declara em entrevista — continuam ramificando-se na hospitaleira imaginação” dos leitores. Neste último volume, como um eco do esplêndido “*Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*”, brilha a trama do esotérico relato “*El congreso*”, nova metáfora do cosmos borgeano. Foi neste ano que Maria Kodama se torna sua secretária particular e a acompanhante permanente de suas viagens.

(3) Na mesa dos “gringos” predominavam os brasileiros. O destaque – além de Gullar e do chileno Skarmeta – ficava por conta de Vinicius e Toquinho que naquele época estavam apresentando shows com suas últimas composições em Buenos Aires, geralmente em bares e teatros de caráter intimista. Destaque incontestável para os sucessos “*Na tonga da milonga do kabuletê*” e “*Tarde em Itapoã*”.

(4) Vinicius de Moraes iria lembrar depois: “Eu tinha convidado uns amigos para ouvir a gravação do último e belíssimo poema de Gullar, chamado *Poema Sujo*, que o poeta lera para mim em Buenos Aires, em outubro do ano passado, e que mexeu comigo até a medula. Um poema de fôlego - 52 laudas datilografadas, contendo umas 13.000 palavras - em que ele, partindo de uma evocação da meninice em São Luís do Maranhão, sua cidade natal, atinge uma universalidade como não se via na poesia brasileira desde *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo*”.

(5) Hay algunas diferencias entre el tango y la milonga: Aunque tanto la milonga como el tango están en compás de 2/4, las 8 semicorcheas de la milonga están distribuidas en 3 + 3 + 2 en cambio el tango posee un ritmo más «cuadrado». Las letras de la milonga suelen ser picarescas. El escritor argentino Jorge Luis Borges criticó en algún momento el tango y prefirió la milonga, que no trasmite la melancolía del primero. Borges es autor de *Jacinto Chiclana* en la que le emboca a un corajudo un cuchillo (un guapo que solía poner su habilidad para pelear con el cuchillo al servicio de caudillos políticos). La milonga es ligera, se interpreta con guitarra y no tiene coreografía. El origen de estas formas musicales es muy discutido y probablemente la milonga provenga de un cruce de la forma campera con el tango primitivo de los suburbios de Buenos Aires y Montevideo. Las mujeres milongueras tienen dedicados varios tangos, cuyas letras suelen aludir a un pasado humilde y a un presente en el que la frecuentación de las milongas de lujo les permite relacionarse con hombres adinerados (los bacanes),

vínculo que refiere a un modo de prostitución. Sin embargo, las milongueras actuales bailan por gusto y pueden tener compañeros de baile con los que forman una pareja que se entiende bien en la pista, pero que no mantiene otro tipo de relación fuera de ella.

(6) Borges creía que Gardel era una desgracia para el tango, que el tango en sí era una desgracia, el tango conocido y reconocido como tal. El tango sensiblero de Gardel era rechazado por un Borges que deseaba morir bajo el cielo de la pampa en un sur lejano. Borges habla de milonga, de milonga campera no de tango. Se ha afirmado que a Borges no le gustaba el tango, y sí, mucho, la milonga. Y esto es verdad. Pero con una precisión: apreciaba algunos tangos, todos de la guardia vieja, como "La Morocha", "La Tablada", "El Choclo", "El Marne". A Borges le gustaba oír a los buenos guitarreros con su rasgueo de aires de milonga. Y Gardel se apoyó ampliamente en la guitarra como acompañamiento en los primeros tramos de su trayectoria. Entonces: el sonar de la guitarra criolla, tan especial, triste y alegre a un tiempo, simple y complejo, siempre bordeando honduras sin caer en ellas, es un elemento artístico que hermana al cantor y al escritor. "El tango está en el tiempo, en los desaires y contrariedades del tiempo; el chacaneado aparente de la milonga ya es eternidad." (Borges)

(7) Enrique Santos Discépolo (Buenos Aires 1901-1951), poeta, compositor, actor y autor teatral. A pesar de haberse iniciado en el teatro, sus éxitos y por ende su fama los logró en la canción. Hijo de Santos Discépolo, músico del 900 nacido en Nápoles y autor de algunos tangos y hermano de Armando Discépolo, uno de los grandes del teatro argentino, elevó la jerarquía del apellido con tangos inmortales. En 1925 escribe su primer tango, "Bizcochito", que no tuvo éxito alguno, por eso se dice que el titulado "¿Qué Vachaché?" es el primero que hizo. Pero su formidable pegada de 1928 con "Esta Noche me Emborracho", lo sacó del anonimato. Carlos Gardel, su amigo de tantas horas, llevólo al surco del disco "¿Qué Vachaché?", "Esta Noche me Emborracho", "¡Yira, Yira!", "¡Chorra!", "¡Victoria!", "Secreto", "Confesión", "Malevaje", "Sueño de Juventud", "El Carrillón de la Merced" y "¡Justo el 31!" También hizo "Tres Esperanzas", "Soy un Arlequín", "¿Qué Sapa Señor?", "Alguna Vez", el formidable "Cambalache", "Desencanto", "Martirio", "Tormenta", "Infamia", "¡Uno!", "Canción Desesperada", "Cafetín de Buenos Aires", "Noche de Abril", la mayoría cuyas totalmente; "Sin Palabras", "El Alma del Bandoneón", "Condena" y otras hechas en colaboración con Luis César Amadori, F. García Jiménez, Marianito Mores, Francisco Pracánico. Su primera incursión cinematográfica la realizó junto a Carlos Gardel en 1930, donde el gran Carlitos incluye su mejor tango, "¡Yira, Yira!", y mantiene con él un diálogo interesante, más o menos así: "Decíme Enrique. ¿Qué has querido hacer con el tango «¡Yira, Yira!»?", pregunta Gardel. El contesta: "¿Con «¡Yira, Yira!»? Una canción de soledad y esperanza". Gardel: "Hombre... Así lo he comprendido yo". Discépolo: "Por eso es que lo cantás de una manera admirable". Gardel: "Pero el personaje es un hombre bueno. ¿Verdad?" Discépolo: "Sí; es un hombre que ha vivido la bella esperanza de la fraternidad durante 40 años y de pronto un día a los 40!, se desayuna con que los hombres son unas fieras". Gardel: "Pero dice cosas amargas". Discépolo: "Carlos, no pretenderás que diga cosas divertidas, un hombre que ha esperado 40 años para desayunarse". (Fonte: <http://www.todotango.com/>)

(8) Não se pode dizer que Borges já havia alcançado a senectude, mas é impressionante como mudava de opinião em suas falas e ações. Mais tarde diria dele mesmo, como se falasse de outra pessoa, de um dublê: "É ao outro, a Borges, que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, a olhar o arco de um alpendre e o guarda-vento; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo o seu nome num grupo de professores ou num dicionário biográfico. Gosto dos relógios de areia, dos mapas, da tipografia do século XVIII, do sabor do café e da prosa de Stevenson; o outro compartilha dessas preferências, mas de um modo vaidoso, que as converte em atributos de um actor. Seria exagerado afirmar que as nossas relações são hostis; eu

vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa tecer a sua literatura e essa literatura justifica-me. Nada me custa confessar que conseguiu certas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o que é bom já não é de ninguém, nem sequer do outro, mas sim da linguagem ou da tradição. Além do mais, eu estou destinado a perder-me, definitivamente, e apenas algum instante meu poderá sobreviver no outro. A pouco e pouco vou cedendo-lhe tudo, embora não desconheça o seu perverso costume de falsear e de magnificar. Spinoza entendeu que todas as coisas querem perseverar no seu ser; a pedra quer eternamente ser pedra e o tigre um tigre. Eu hei-de ficar em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas reconheço-me menos nos seus livros que em muitos outros ou que no laborioso zangarrei de uma viola. Há anos procurei libertar-me dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos são agora de Borges e terei de idealizar outras coisas. Assim, a minha vida é uma fuga e perco tudo e tudo é do esquecimento ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página”.

(9) Entre os muitos amigos de Borges estavam Silvina Ocampo (1906-1993), escritora e poetisa, assim como sua irmã Victoria Ocampo e Adolfo Bioy Casares – o inseparável. Silvina iniciou-se na literatura com um livro de contos, depois cultivou a poesia próxima às formas clássicas. Nos livros de relatos entra na literatura fantástica, mistura humor negro, observações irônicas, costumes e pessoas comuns, que lhe garantem um lugar na literatura argentina. Em colaboração com Adolfo Bioy Casares publicou um romance policial e com J. P. Wilcock publicou uma peça teatral. Com Bioy e Borges publicou antologias da literatura fantástica e de poesia. Adolfo Bioy Casares (1914-1999). Escritor, autor de contos, romances e ensaios. Iniciou a carreira literária com relatos surrealistas. Autor de *La invención de Morel*, *El sueño de los héroes* y *Diario de la guerra del cerdo*, todos de cuidadosa trama. Com Borges fundou a revista *Destiempo* e escreveu livros de ficção policial, incluindo no texto observações irônicas sobre a sociedade argentina. Em seus romances, contos e sinopses de filmes, Bioy estudou os mitos clássicos na modernidade, alguns aspectos paranormais e a psicologia do amor. Carlos Mastronardi (1901-1976), escritor nascido na província de Entreríos. Iniciou estudos de Direito em Buenos Aires, porém abandonou a carreira para se dedicar ao jornalismo. Uniu-se ao grupo Martín Fierro e ali se relacionou com Ricardo Güiraldes e outros autores da época. Foi amigo íntimo de Borges e do grupo que o cercava.

(10) Hipólito Yrigoyen, fundador da Unión Cívica Radical (UCR). Yrigoyen foi deputado por Buenos Aires em 1880. Após o suicídio de Leandro Alen, Yrigoyen lidera da UCR e assume uma política de total oposição ao regime de alternância no governo. Levou a UCR à ação armada em 1893 e 1905. Mais tarde, orienta sua ação de forma pacífica pregando a abstenção. Sua luta é recompensada com a promulgação da Lei Sáenz Peña, que estabeleceu o voto obrigatório, secreto e universal. Apesar das medidas de caráter social, por ação ou omissão deixou que setores do exército e grupos paramilitares atuassem contra os trabalhadores. O velho Yrigoyen vive rodeado por assessores infieis. Com a situação grave, os fascistas conspiram abertamente. Em 1930 José Félix Uriburu dá um golpe, depois da derrubada, Yrigoyen é detido e confinado na ilha de Martín García. Faleceu em Buenos Aires em 1933, seu cortejo fúnebre foi acompanhado por uma impressionante multidão. Jamais confundir com o jóquei Francisco Yrigoyen, que fez muito sucesso nas pistas da Gávea e Cidade Jardim na mesma época.

(11) Conforme o próprio Gullar: *“Sabia-se que a polícia da ditadura brasileira atuava em acordo com a argentina e isso aumentava minha intranquilidade. Enfim, temia que a qualquer momento, também eu sumisse. Então decidi escrever um poema que dissesse tudo o que me restava dizer, um poema final. Um belo dia, em maio de 1975, comecei a escrevê-lo e só o terminei em outubro. Durante esses meses não vivia outra coisa senão o poema. Não foi nada planejado. Ao me debruçar sobre a máquina para escrevê-lo sabia que sua matéria era minha própria vida com tudo o que vivera e pensara”*.

(12) No governo de Jorge Rafael Videla começou uma nova e genocida ditadura na pátria de Borges, que celebra a chegada do governo militar. Em 1976, com 77 de idade, o autor argentino publica *La moneda de hierro*, livro de versos e prosa. Poemas onde vislumbra, pessimista como sempre, o vazio da existência, tal como em "Soy": "Soy el que sabe que no es menos vano/ que el vano observador en el espejo/[...] Soy el que pese a tan ilustres modos/ de errar, no ha descifrado el laberinto/[...] Soy el que es nadie, el que no fue una espada/ en la guerra. Soy eco, olvido, nada". Em seu prólogo intempestivo, Borges se confessa *"indigno de opinar en materia política, pero tal vez me sea perdonado añadir que descreo de la democracia, ese curioso abuso de la estadística"*.

(13) É ainda de Vinícius de Moraes: *"A poesia solteira tinha deixado de me interessar diante da impotência dos poetas para fecundá-la, para manchá-la de sangue, suor e sêmen, para banhá-la de lágrimas de amor, para cobri-la da saliva grossa de beijos apaixonados. De maneira que para mim o reencontro dessa poesia simples, orgânica, crua, fecunda, emocionante, - e paralelamente dotada de um grande poder de síntese; essa poesia nascida no quintal das palavras e escrita por esse que eu considero o último grande poeta brasileiro, me tocou até as vísceras. Justo no momento em que um bando de papanatas começa a querer decretar a morte da poesia, chega esse gavião maranhense, sem outra rapina que não aquela contra os predadores do homem, todo enrodilhado em sua própria magreza da qual sobram pernas e joelhos e braços e dedos e gênio poético e de repente alça vôo do telhado de sua casa em São Luís do Maranhão e se põe a planar sobre sua cidade, vendo tudo com olhos perfunctórios, transfixiantes, capazes de enxergar através das paredes; logo baixando picado para observar detalhe ínfimo, curioso ou dramático, que carimbam a infância e são arquivados no subconsciente para subitamente serem computados no ato de criação..."*

Apêndice

Milonga e Cordel

Pode-se dizer que a milonga é uma prima da poesia de cordel, que corre nos países hispânicos com o nome de "poesia popular". Como a nossa poesia de cordel, em sua pré-história, também a milonga começou a ser composta em forma de quadra, com versos de sete sílabas, o que dá a idéia de que ambas as formas se originam da trova. Depois sua forma se expandiu e as variantes vão de sextilhas a décimas, sendo que a poesia de cordel criou variantes mais elaboradas, como o martelo, o galope – cujo fim era desafiar a memória e a habilidade dos cantadores e violeiros. Portanto, também os cantadores e os payadores também são descendentes e herdeiros da estirpe dos trovadores medievais, cujas canções – lá como cá – na verdade cavam notícia das coisas que ocorriam em volta, fatos que abrangiam tanto a política quanto as ocorrências mais comuns do dia a dia, as tragédias pessoais e naturais, o nascimento e a morte de algum personagem importante, amores e desamores, fatos de natureza profana e sagrada.

Jorge Luis Borges encontra na milonga a raiz do tango. Ele tenta fixar o nascimento da milonga nas periferias de Buenos Aires ou, no máximo, entre Montevideu e a capital portenha. Mas o fato é que a milonga ultrapassa essas fronteiras e ocorre em todo o cone sul, desde o pampa gaúcho até as periferias mais distantes da Argentina. Trata-se de fato de poesia que tanto pode ser recitada apenas com fundo musical, quanto pode ser musicada na forma conhecida tanto no Brasil quanto no Uruguai e Argentina, quase uníssona, com poucas variações tonais. Depois a milonga se aproximou do tango de tal maneira íntima que hoje quase não há distinção.

As canções de cordel (não confundir com a poesia de cordel), são também musicalmente limitadas a no máximo cinco variantes, nas quais todas as letras compostas se enquadram. As nossas canções também não se prendem às sextilhas de sete sílabas, têm uma forma própria, mais aproximada da poesia dita clássica, com rimas. Os temas, porém, acompanham o registro geral e tratam, de forma romântica ou trágica, da vida comum, das ocorrências sociais e políticas, dos milagres e fatos extraordinários, da história presente e futura. Difere da poesia de cordel, cuja composição obedece a regras fixas, cuja base é a sextilha de sete sílabas, rimando nos formatos ABABAB, ABCBCB ou setilhas no formato ABABCCB e é recitado com acompanhamento de viola em harmonia que varia de dois ou três acordes, repicando o solo com o vocal.

A incursão de Ferreira Gullar na poesia de cordel foi fortuita e ocasional, tinha uma finalidade específica, não foi uma fase poética do autor que pudesse causar uma interrupção no itinerário que ele percorria na literatura. Em 1962, quando fez parte do Centro Popular de Cultura da UNE, Gullar escreveu “Quem matou Aparecida?” e “João Boa-Morte, cabra marcado para morrer”. “Quem matou Aparecida?” relata um drama urbano: uma mulher que trabalha como doméstica em Ipanema, é atacada pelo patrão, vê o seu companheiro, operário, desaparecer depois de participar de uma greve. Desesperada, a doméstica acaba se imolando, ateando fogo às vestes. “João Boa-Morte” foi escrito para ser apresentado em teatro e representações populares pelo CPC. “Oduvaldo Vianna Filho procurou Gullar para criar um espetáculo sobre reforma agrária e pediu que fizesse a estrutura da peça em versos, a fim de poderem usar um cantor do Nordeste”. “Cabra marcado para morrer” se transformou em filme dirigido por Eduardo Coutinho. “História de um valente” (cordel assinado com o pseudônimo de José Salgueiro) foi feito sob encomenda do Partido Comunista, a fim de ajudar na campanha para libertar o líder camponês Gregório Bezerra. O livro foi publicado na clandestinidade e Gullar usou o pseudônimo de José Salgueiro, poeta popular, numa referência à sua escola de samba. Só muitos anos depois Gullar assumiu a autoria do cordel.

Eis o mais famoso cordel de Gullar:

João Boa Morte Cabra marcado para morrer

Essa guerra do Nordeste
não mata quem é doutor.
Não mata dono de engenho,
só mata cabra da peste,
só mata o trabalhador.

O dono de engenho engorda,
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens que trabalham na fazenda do Coronel Benedito tiveram com ele atrito devido ao preço da venda. O preço do ano passado já era baixo e no entanto o coronel não quis dar o novo preço ajustado. João e seus companheiros não gostaram da proeza: se o novo preço não dava para garantir a mesa, aceitar preço mais baixo já era muita fraqueza.

"Não vamos voltar atrás.
Precisamos de dinheiro.
Se o coronel não quer dar mais,
vendemos nosso produto
para outro fazendeiro."

Com o coronel foram ter. Mas quando comunicaram que a outro iam vender o cereal que plantaram, o coronel respondeu:

"Ainda está pra nascer
um cabra pra fazer isso.
Aquele que se atrever
pode rezar, vai morrer,
vai tomar chá de sumiço".

Já a afinidade de Jorge Luis Borges com a milonga foi mais pródiga, talvez buscando uma afirmação para esse ritmo portenho, talvez uma contraposição à aversão que o poeta nutria pelo tango. Nem por isso Borges se considerava um milongueiro, porque também não tinha raízes populares – sua poesia era clássica por demais. Mas depois de ver suas letras musicadas acabou por aceitar a homenagem que os milongueiros lhe faziam toda vez que isso era possível. Além das milongas, Borges compôs algumas letras que foram musicadas por Astor Piazzolla: “A Don Nicanor Paredes”, “Alguén Le dice AL tango”, “El Títere” e “Jaccinto Chiclana” são alguns desses tangos. Eis algumas milongas de Borges: “Milonga de Calandria” (Música: Eladia Blázquez), “Milonga de Albornoz” (Música: José Brasso), “Milonga del Infiel” (Música: Sebastián Piana) e “Milonga del Muerto” (Música: Sebastián Piana). A seguir reproduzimos duas das mais famosas Milongas de Jorge Luis Borges.

Milonga de Manuel Flores
(Música: Vitor Ramil)

Manuel Flores va a morir,
eso es moneda corriente;
morir es una costumbre
que sabe tener la gente.

Y sin embargo me duele
decirle adiós a la vida,
esa cosa tan de siempre,
tan dulce y tan conocida.

Miro en el alba mis manos,
miro en las manos las venas;
con extrañeza las miro
como si fueran ajenas.

Vendrán los cuatro balazos
y con los cuatro el olvido;
lo dijo el sabio Merlín:
morir es haber nacido.

¡Cuánto cosa en su camino
estos ojos habrán visto!
Quién sabe lo que verán
después que me juzgue Cristo.

Manuel Flores va a morir,
eso es moneda corriente:
morir es una costumbre
que sabe tener la gente.

Milonga del Marfil Negro
(Música: Julian Plaza)

Alta la voz y animosa
como si cantara flor,
hoy, caballeros, le canto
a la gente de color.

Marfil negro los llamaban
los ingleses y holandeses
que aquí los desembarcaron
al cabo de largos meses.

En el barrio de Retiro
hubo mercado de esclavos;
de buena disposición
y muchos salieron bravos.

De su tierra de leones
se olvidaron como niños
y aquí los aquerenciaron
la costumbre y los cariños.

Cuando la patria nació
una mañana de Mayo,
el gaucho sólo sabía
hacer la guerra a caballo.

Alguien pensó que los negros
no eran ni zurdos ni ajenos
y se formó el Regimiento
de Pardos y de Morenos.

El sufrido regimiento
que llevó el número seis
y del que dijo Ascasubi:
"Más bravo que gallo inglés".

Y así fue que en la otra banda
esa morenada, al grito
de Soler, atropelló
en la carga del Cerrito.

Martín Fierro mató a un negro
y es casi como si hubiera
matado a todos. Sé de uno
que murió por la bandera.

De tarde en tarde en el Sur
me mira un rostro moreno,
trabajado por los años
y a la vez triste y sereno.

¿A qué cielo de tambores
y siestas largas se han ido?
Se los ha llevado el tiempo,

el tiempo, que es el olvido.

UMA CARTA

De: Jorge Luis Borges

Para: Ferreira Gullar

Buenos Aires, octubre de 1975.

Querido amigo y poeta Gular (sic). (1)

Desde luego permítame una cita de Gonzalo Rojas para hacer una introducción a esas pocas palabras:

“Tu poesía es oxígeno único, una visión tan portentosa desde el desasimiento como no había leído nunca antes. Destello, en fin, figura, intrafigura, como la que al desgair le sale del fulgor del soliloquio. Nadie toca cuerdas así, tan altas y libres, Liliana fisiológica, desollada tan a la intemperie... criatura más lúcida en el plazo ciego de estas décadas...”

La raíz del lenguaje es irracional y de carácter mágico. La poesía quiere volver a esa antigua magia. Asimismo veo su “Poema” – sin prefijadas leyes, obra de un modo vacilante y osado, como si caminara en la oscuridad. Ajedrez misterioso de la poesía, cuyo tablero y piezas cambian como en un sueño. Si, esas páginas consienten algún verso feliz. Nuestras palabras nada o poco difieren, es trivial y fortuita la circunstancia de que sea el lector y ud su redactor – también de nuestras vidas.

Antes que declinara el sol de aquel día borrascoso, yo tuvo la suerte de leer el fragmento de su “Poema” y después de leerlo por entero, caer en tantación de imponer a mi secretaria el sacrilegio de borrarlo con algunas pocas notas en sus márgenes. Son notas de poeta para poeta, las entenderás y también hasta lo que no está escrito. Perdóname el atrevimiento: he transformado sin querer su “Poema” en un “Poema Sucio”, lo que no es de todo deplorable... (2)

Subí a mi cuarto, absurdamente cerré la puerta con llave y me tiré de espaldas en la estrecha cama de hierro. En la ventana estaban los tejados de siempre y el sol nublado de las seis. Me pareció increíble que es día sin premoniciones ni símbolos fuera el de mi muerte implacable. Toda la realidad esta resumida en su “Poema”. Después de ler y otra vez ler, supe que todas las cosas le suceden a uno precisamente, precisamente ahora, siglos de siglos y sólo en el presente ocurren los hechos, en el aire, en la tierra y el mar, y todo lo que realmente me pasa me pasa a mí...

Gular, en mitad de mi odio y de mi terror (ahora no me importa hablar de terror: ahora que he burlado a los milicos, ahora que mi garganta anhela la cuerda) pensé: “ese guerrero tumultuoso y sin duda feliz ya mucho sospechaba que est| en la poseía el secreto de la Libertad”. Soy un hombre cobarde. Ahora lo digo. De una temprana aniquilación pasé a una felicidad casi abyecta al leer su poema. Cantar tu aldea es cantar todas las aldeas, todo el universo.

Hermano Poeta Gular, decierto ya conoces algo de mi obra y lo sabes que entiendo de laberintos: no en vano soy bisnieto de aquel que fue gobernador de Yucatán y que renunció al poder temporal para escribir una novela que fuera todavía más populosa que el Quijote y para edificar un laberinto en el que se perdieran todos los hombres. Al leer el “Poema” pensé en un laberinto de laberintos, en un sinuoso laberinto creciente que abarcara el pasado y el porvenir y que implicara de algún modo los astros. Absorto

en esas ilusorias imágenes , olvidé tu destino de perseguido. Me sentí, por un tiempo indeterminado, percibidor abstracto del mundo. (3)

El vago y vivo campo, la luna, los restos de la tarde, obraron en mí. Asimismo el declive que eliminaba cualquier posibilidad de cansancio. La tarde era íntima, infinita. Una música aguda y como silábica se aproximaba y se alejaba en el vaivén del viento, empañada de hojas y de distancia. Pensé que un hombre puede ser enemigo de otros hombres, de otros momentos de otros hombres, pero no de un país, no de luciérnagas, palabras, jardines, cursos de agua, ponientes. Pero los poetas son amigos de los poetas...

Un laberinto de símbolos, invisible laberinto de tiempo. A mí, bárbaro porteño, me ha sido deparado desvelar ese misterio diáfano, justo en tu “Poema”. Al cabo de m/s de cien años, los pormenores son irre recuperables, pero no es difícil conjeturar que esa magnífica obra es la consagración de tu nombre. Ahora, por eso, me retiro a escribir un libro, a construir un laberinto. Nadie pensó que libro y laberinto eran un solo objeto. (4)

Antes de exhumar esta carta, yo me había preguntado de qué manera puede un “Poema” ser infinito. No conjeturé otro procedimiento que el de un volumen cíclico, circular. Un librito cuya última página fuera idéntica a la primera, con posibilidad de continuar indefinidamente. Recuerdo las palabras finales, repetidas en cada redacción como un mandamiento secreto. Nada – todo – te costó renunciar a las escuelas y a las dogmas, las vanidosas figuras de retorica y la tarea insistente de representar un país, una clase o una epoca, en la pequeña ciudad San Luis. (5)

Gular, mi poeta, seguro nunca pensaste en tu lugar en la historia de la literatura, pero tengo la seguridad que los homenajes sonoros te espantan, que te espantan tanto que va directo a tu corazon. Eres hoy el poeta de Brasil, alguien pronunciara inevitablemente el nombre de Drummond, pero el escribió para si mismo e para el mundo. Y tu, sin embargo, escribiste para todos, para los brasileños, para la gloria.

Tu poesía es oxígeno único, una visión tan portentosa desde el desasimiento como no había leído nunca antes. Destello, en fin, figura, intrafigura, como la que al desgair le sale del fulgor del soliloquio. Nadie toca cuerdas así, tan altas y libres, Liliana fisiológica, desollada tan a la intemperie... criatura más lúcida en el plazo ciego de estas décadas...

¡Dejame ser tu amigo! (6)

Jorge Luis Borges

NOTAS

(1) Não é a primeira vez que leio essa grafia errada do nome de Ferreira Gullar. A impressão é que os hispânicos usam a grafia Gular – evitando o uso do duplo *ele* – talvez para não demonstrar a falsa impressão que causam as variadas pronúncias do *ele* duplo, dentro das inúmeras bifurcações que o espanhol clássico (o castellano) se subdividiu, tais como: Gujar, Gulhar, Guyar ou até Guxar, de raízes gallega e catalã. Aqui se trata de pura especulação, a conferir.

(2) Pode-se dizer que é essa toda a razão destas modestas notas, sem pretensão literária nem dogmática. Decerto que assusta tomar conhecimento trinta e tantos anos depois que se pode supostamente atribuir a Jorge Luis Borges o título do poema mais famoso de Ferreira Gullar. Em que pese outras perspectivas investigatórias, não há como trespassar esse limite em nome de existirem outras “contribuições” borgeanas ao

Poema Sujo, sem incorrer na indecência da especulação sensacionalista pura e simples, sem quaisquer provas. Analisando as notas que o escritor argentino deixou na matriz do poema, não há a mínima possibilidade de isso ocorrer.

(3) Entre os papéis de Borges do acervo de Maria Kodama constam duas notas sobre Ferreira Gullar, parte de um extenso fichário que milhares de notas que ela ditava às muitas secretárias que teve.

[I] “En el curso de mi larga vida, conocí a mucha gente. Conocí y olvidé. Pero algunos persisten, y me acompañan. Muchas personas conocí, y solamente sé que las conocí como sé por ejemplo que me duele la cabeza. Pero hay uno que quería nombrar, que es el gran poeta indio-brasileño Gular. No recuerdo cuándo nos conocimos. Quizá en alguna tarde lluviosa en un café que está en Corrientes, entre San Martín y Reconquista. Me parece estar viendo a ese hombre alto, medio moreno, de pelos largos y feliz. Creo que uno puede simular muchas cosas, pero nadie puede simular la felicidad. En Gular, se sentía la felicidad: la felicidad del trabajo y, sobre todo, de la continuada invención poética”.

[II] “Como persona lo que Gular sugiere es un marinero que atraviesa el mar y mira una línea de realidad en el horizonte. Y entonces piensa que esa realidad es la luminosa latinoamérica y su tierra. Y detrás de esa claridad, vaga línea que él apenas descifra, detrás de esa vaga claridad hay un continente. En el continente hay religiones, ciudades, selvas, desiertos, hay hombres y hembras. El poeta está obligado a hablar de ese continente, del vasto país con su imperio, su historia y su mitología, su fauna humana y inhumana. Todo eso es San Luis, es todo Gular y su “Poema” que cayó en mis manos aún inconcluso. No sé si lo he alcanzado todo su clamor. Creo que no, pero he percibido lo bastante para sentir el vértigo de todo aquello infinito. Muy poco sé de Gular, pero lo bastante para saber que he estado frente a un hombre de genio. Se ha abusado de la palabra genio, pero en este caso creo que es indudable”.

(4) Quando Borges renunciou ao suicídio, por confessada covardia, escapou do destino da geração que o precedeu. Talvez por isso jamais citou Alfonsina Storni (1892-1938), poetisa dos primórdios do modernismo argentino, que se suicidou em 1938. Um mês antes da morte, Alfonsina publicou *Mascarilla y trébol*, culminando a aventura vanguardista no fundo de um abismo. Livro cheio de imagens obscuras e grotescas. Em 1935 ela recebeu um diagnóstico de câncer e perdeu o seio direito. O fato de passar por uma mutilação física, marcou Alfonsina profundamente. *Mascarilla y trébol*, escrito em estado de transe ante a certeza da morte, tem o tom trágico de despedida.

(5) Para tu conocimiento: a los 7 años escribí en inglés un resumen de la mitología griega; a los 8, *La visera fatal*, inspirado en un episodio del Quijote (pero no soy el Pierre Menard); a los 9 traduci del inglés “El príncipe feliz” de Oscar Wilde. Debido a mi ceguera casi total, mi padre se jubiló y decidió irse con toda la familia para Ginebra. Allí escribí unos poemas en francés mientras estudiaba. Mi primera publicación fue una reseña de libros españoles escrita en francés para ser publicada en un periódico ginebrino. Pronto empecé a publicar poemas e manifiestos en la prensa literaria de España, donde residimos desde 1919 hasta 1921, año en que mi familia regresó a Buenos Aires. Entonces pudo redescubrir mi ciudad natal, sobre todo los suburbios del Sur, poblados de compadritos. Empecé a escribir poemas sobre este descubrimiento, que resultó mi primer libro *Fervor de Buenos Aires*. Nací otra vez porteño así como naciste obra vez saoulisence (sic).

(6) No fim das contas não se sabe quais foram as relações entre Gullar e Borges, nem se elas existiram de fato. Ferreira Gullar, ao que consta, traduziu dois poemas de Borges, já publicados.

São eles:

As coisas

Jorge Luis Borges (Trad. Ferreira Gullar)

A bengala, as moedas, o chaveiro,
A dócil fechadura, as tardias
Notas que não lerão os poucos dias
Que me restam, os naipes e o tabuleiro,
Um livro e em suas páginas a ofendida
Violeta, monumento de uma tarde,
De certo inesquecível e já esquecida,
O rubro espelho ocidental em que arde
Uma ilusória aurora.

Quantas coisas, Limas, umbrais, atlas e taças, cravos,
Nos servem como tácitos escravos,
Cegas e estranhamente sigilosas!
Durarão muito além de nosso olvido:
E nunca saberão que havemos ido.

Uma chave em East Lansing

Jorge Luis Borges (Trad. Ferreira Gullar)

Sou uma chave de limado aço.
E meu formato não é arbitrário.
Durmo o meu vago sono em um armário
Que não enxergo, presa a meu chaveiro.

Há uma fechadura que me espera,
Uma somente. A porta é de forjado
Ferro e firme cristal. Do outro lado
Está a casa, oculta e verdadeira.

Altos e na penumbra os desertos
Espelhos vêem as noites e os dias
E as fotografias dos defuntos
E o tênue ontem das fotografias.

Em dado momento empurrarei a dura
Porta e farei girar a fechadura.

Observações:

Delmira juntou à remessa duas folhas separadas com excertos de poetas argentinos, entre eles Borges. Disse-me que era para usar como epígrafe, pois já tínhamos comentado que algum dia eu iria escrever sobre aquilo tudo que passamos. Bem, não como epígrafe, mas em jeito de nota, cumpro o pedido de Delmira.

"Las calles de Buenos Aires ya son la entraña de mi alma. No las calles enérgicas molestadas de prisa y ajetreo, sino la dulce calle de arrabal enternecida de árboles y ocaso..." (Jorge Luis Borges: "Fervor de Buenos Aires")

"La luna, como la esfera luminosa del reloj de un edificio público. ¡Faroles enfermos de ictericia! ¡Faroles con gorras de "apache", que fuman un cigarrillo en las esquinas!

¡Canto humilde y humillado de los mingitorios cansados de cantar! ¡Y silencio de las estrellas, sobre el asfalto humedecido!” (Oliverio Gironde, “Veinte poemas para ser leídos en el tranvía”)

“Escribiré para vosotros, vosotros, mis amigos, mis camaradas (nos afeitamos todos los días, todos los días entramos a la ciudad como a un túnel luminoso seguros de encontrar la aventura, oh aventureros sin un cobre!) - La credulidad nos hace falta, ¡el fervor! Escribiré para vosotros la sinfonía de la ciudad.” (Raúl González Tuñón, “La calle del agujero en la media”)

4.

NOTAS DE BORGES AO “POEMA SUJO”

Nota às notas

Além das notas datilografadas, Jorge Luis Borges rabiscou uma ou outra frase que, em geral, pouco ou quase nada alterava suas “implicações” com o Poema de Gullar. Não há como confirmar se algum dia Ferreira Gullar teve conhecimento desse texto. É quase certo que não, pois jamais o mencionou em qualquer escrito ou entrevista. Borges, inquieto como sempre, fez questão de, mais uma vez, anotar na última página uma frase já citada na carta, que – confirmarão os pesquisadores – supostamente alterou, confirmou ou definiu o título do famoso poema de Ferreira Gullar.

Isso me levou a pesquisar por aí. Encontrei na internet o poema abaixo. É mais um, mais outro “Poema Sujo”, que enfoca um outro estado de espírito. Trata-se de um texto mais hermético que o de Gullar, claro, além de não contemplar toda a força de corromper do “Poema Sujo” original! John Drury, voltado mais para o relacionado entre a alma e o corpo, explora outros segmentos espirituais e carnaís. O “Poema Sujo” de Gullar em definitivo estende sua influência a nível internacional. Uma coisa fica óbvia: o poema de Gullar está aí inserido como temática e como provocação. Não se trata somente de sexo, fé e amor “sujos”. Ademais é notório que o “Poema Sujo” de Gullar tem influenciado e servido como tema para várias experiências, inclusive teatrais e musicais, pelo mundo afora. Oficialmente nada consta.

Dirty Poem, by John Drury

Whoever worships cleanliness dwells in the canton of exclusion, where the church walls inside are white-washed and the dogs muzzled, the streets empty after curfew, where crucifixes are swaddled in gauze, and only soap rendered from volcanic ash can scrape the oils and smears and deep grit of earth. But down a red stairwell, through curtains of beads, a singer's nipples glow through lace. Lovers rub lotions over aching blades. Coupling, they also love the delectable mess of sex, the jolt of voltage, confluence like the clear and muddy blending of Potomac and Shenandoah. Mix thoroughly – the earth tones, earthiness, pecks of dirt you'll eat before your death, the earth that hugs you or the flames that make you wail. Oh, body of flesh and fluids. Oh, soul that revels there, we die for the French kiss of everything. Oh, pure impurity: the fleck of dust at the heart of each snowflake.

Poema Sujo, por John Drury

Tudo aquilo que venera a limpeza
habita no cantão da exclusão
onde os muros interiores da igreja são caiados
e os cachorros usam focinheira, as ruas estão desertas
depois do toque de recolher, onde os crucifixos

estão envoltos em bandagens e só o sabão
feito com cinzas vulcânicas pode raspar
as gorduras e os borões e os arenitos profundos da terra.
Mas descendo por uma escada espiral, através da cortina de contas,
os mamilos enormes de uma cantora resplandecem no portal.
Os amantes se esfregam com loções em cima de
navalhas dolorosas.
Acasalando também amam
a prazerosa bagunça do sexo,
o aumento da voltagem, a confluência
como a clara e lodosa mistura
do Potomac e do Shenandoah.
Mistura a profundidade: os tons da terra, o terreno,
as manchas de sebo que comerás antes da morte,
a terra que te abraça ou as chamas 54
que te fazem queimar. Oh! corpo
de carne e líquidos, Oh! alma que se recreia aí,
nós morremos por uma chupada.
Oh! impureza pura: a mancha
de pó no coração de cada floco de neve.

(Versão de tradutor eletrônico)

O autor John Drury comenta: "The poetry circle show was wonderful, and I got a real kick out of hearing my poem read so beautifully both in English and Portuguese. The comments you made were great. I certainly did know the derivation of 'ash' and have related it to my students many times. I also remember the occasion when I first learned it--in Richard Howard's seminar ('Disclosure and Disguise') at Johns Hopkins. Also like Gullar Ferreyra, an argentinian contemporary poet (sic). But I really wasn't thinking about it consciously when I wrote the poem. I was thinking of Lava soap! Jean's insight about the first stanza being Protestant, the second Catholic, and the third a mix sounded exactly right, although I hadn't thought of that consciously either, although the 'canton of exclusion' is modeled on John Calvin's Geneva, seen through a dream lens. Thanks so much for picking my poem to discuss!"

No artigo "Through the speeding night - Flávia Rocha interviews Ferreira Gullar", foi a vez do autor do verdadeiro "Poema Sujo" declarar: "I am very satisfied with the translation of Poema Sujo (Dirty Poem), done by Leland Guyer. The critics usually consider this poem to be the most important work of mine. It may be. As I said before, concrete poetry was probably a response to an impasse through which Brazilian poetry was going when the path initiated during Modernism was exhausted. I broke apart with the fellows from São Paulo for considering that their plans (to make poems out of mathematical equations) were not viable and did not correspond to my conception of what should be the new poetry. Later on, because of my own searches, I headed to the construction of spatial poems that required the reader's participation. These poems – which lead to neo-concrete poetry – were difficult to be published, once they avoided the traditional literary forms. They were shown in exhibitions of visual arts along the last decades. When conceiving Poema Enterrado (Buried Poem) in 1960, I realized that that type of poetry did not allow me to go very far, besides drastically limiting the verbal expression. I believe it was a very original, innovative experience, to which I may return sporadically".

De comportamento quase sempre arredio, Ferreira Gullar viveu em Buenos Aires quase três anos (de junho 1974 a março de 1977), não era de se dar com muitas pessoas nem de freqüentar círculos literários. Algumas vezes esteve em casa de jornalistas e artistas argentinos que o convidaram. Mas foram poucas vezes. Fora os exilados brasileiros,

com os quais ele convivia para saber notícia do Brasil, era Augusto Boal o companheiro de todas as horas. Também fez amizades com pintores, escritores, entre os quais o escritor Santiago Kovadloff (graduado em filosofia pela Universidade de Buenos Aires, ensaísta, poeta, tradutor e antologista da língua portuguesa e professor honorário da Universidade de Madri), que traduziu seus livros e poemas. Além de freqüentar casas de amigos, o luxo de Gullar era breves passagens nos bares, nas exposições de arte e livrarias. Ia muito às livrarias, das quais nunca saía sem um livro debaixo do braço. Também passeava pela cidade e fazia algumas excursões de fim de semana no rio da Prata e arredores.

Quando Borges compara Gullar aos payadores na verdade quer falar de si mesmo: um de seus orgulhos são os poemas populares escritos sob a forma de milonga, que é, tipo assim, uma poesia de cordel portenha, apresentada ao estilo dos cantadores. Borges decerto conhecia as incursões do poeta brasileiro na literatura de cordel, no tempo do CPC. Mas nem sequer iria imaginar que anos depois um outro poeta popular de Rio Tinto (PB), Sá de João Pessoa, fosse decantar quase toda a aventura dele no folheto de cordel chamado “ABC de Ferreira Gullar”, que corre por aí em tiragem limitada nas feiras nordestinas. – É a glória! Exclamou o poeta maranhense ao saber-se eternizado na literatura popular de seu país. – É mais o que ganhar o Prêmio Nobel de Literatura! – No que aí – neste caso – já é demasiado exagero!

Os mistérios e as curiosidades cercam a imortalidade de Jorge Luis Borges. O velho bruxo argentino é muitas vezes citado como autor de poemas que não são de sua autoria, assim como textos autênticos de sua lavra são considerados de terceiros. O mais famoso poema apócrifo de Borges é este, assinado pelo autor com o nome de Nadine Star, pseudo poeta norte-americana. Já está em definitivo confirmado que o poema é de fato de Jorge Luis Borges. Ou será que não?... Como segue:

INSTANTES

Si pudiera vivir nuevamente mi vida.
En la próxima trataría de cometer más errores.
No intentaría ser tan perfecto, me relajaría más.
Sería más tonto de lo que he sido,
de hecho tomaría muy pocas cosas con seriedad.
Sería menos higiénico.
Correría más riesgos,
haría más viajes,
contemplaría más atardeceres,
subiría más montañas,
nadaría más ríos.
Iría a más lugares adonde nunca he ido,
comería más helados y menos habas,
tendría más problemas reales y menos imaginarios.
Yo fui una de esas personas
que vivió sensata y prolíficamente cada minuto de su vida;
claro que tuve momentos de alegría.
Pero si pudiera volver atrás
trataría de tener solamente buenos momentos.
Por si no lo saben, de eso está hecha la vida,
sólo de momentos; no te pierdas el ahora.
Yo era uno de esos que nunca iban
a ninguna parte sin termómetro,
una bolsa de agua caliente,
un paraguas y un paracaídas;
Si pudiera volver a vivir,

viajaria más liviano.
Si pudiera volver a vivir
comenzaría a andar descalzo
a principios de la primavera
y seguiría así hasta concluir el otoño.
Daría más vueltas en calesita,
contemplaría más amaneceres
y jugaría con más niños,
si tuviera otra vez la vida por delante.
Pero ya tengo 85 años
y sé que me estoy muriendo.

Tradução:

INSTANTES

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido;
na verdade bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos higiênico.
Correria mais riscos,
viajaria mais,
contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas,
nadaria mais rios.
Iria a mais lugares onde nunca fui,
tomaria mais sorvete e menos lentilha,
teria mais problemas reais e menos imaginários.
Eu fui uma dessas pessoas
que viveu sensata e produtivamente cada minuto da vida;
claro que tive momentos de alegria.
Mas, se pudesse voltar a viver,
trataria de ter somente bons momentos.
Porque, se não sabem, disso é feito a vida:
só de momentos - não percas o agora.
Eu era um desses que nunca iam
à parte alguma sem um termômetro,
uma bolsa de água quente,
um guardachuva e um páraquedas;
se pudesse voltar a viver, viajaria mais leve.
Se pudesse voltar a viver,
começaria a andar descalço no começo da primavera
e continuaria assim até o fim do outono.
Daria mais voltas na minha rua,
contemplaria mais amanheceres
e brincaria com mais crianças,
se tivesse outra vez a vida pela frente.
Mas já tenho 85 anos
e sei que estou morrendo.

(Poema de Jorge Luis Borges, atribuído a Nadine Stair, ou de Nadine Stair, atribuído a Jorge Luís Borges? Quem saberá?)

Por fim, transcrevo a seguir excertos do “Poema Sujo” de Ferreira Gullar que supostamente foram comentados e em alguns pontos adulterados – a título de sugestão – por Jorge Luis Borges, tudo sem tirar nem pôr, conforme recebi de Delmira.

PRIMEIRA NOTA

turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
escuro
mais que escuro:
claro

turbio turbio
el fangoso
mano del soplo
contra la pared
oscuro
menos menos
que menos obscuridad
menps suave y duro menos que zanja y muro: menos que puntura
oscuro
que más oscuro:
claramente

Tu poema empieza como los tambores de guerra. Y desde luego me vienen a la memoria los sonidos de “Motivos de son” y luego “Sóngoro cosongo; poemas mulatos” en los cuales Nicol|s Guillén explota los sonidos de la frase y de las combinaciones de letras, las onomatopeias de las sílabas. En Mulata, Guillén dice así:

tanto tren con tu cueppo, tanto tren;
tanto tren con tu boca, tanto tren;
tanto tren con tu sojo, tanto tren.

Todo eso es como los payadores – por supuesto que tu también eres caminero en la poesía popular que allá llaman cordel. Pero aquí, en tu Poema súbico, es turvo, sopro, muro, escuro, menos, duro, furo: sílabas, ritmos, palabras, sonidos, temblores, ¿de guerra?...

SEGUNDA NOTA

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar
que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai

Cuerpo mío cuerpo cuerpo

que tiene una nariz así una boca
dos ojos
e cierta habilidad a sonreír
de hablar
que mi madre identifica como siendo de su hijo
que mi hijo identifica
como siendo de su padre

No, no eres poseedor de una estética pura. El tiempo a ti ha enseñado algunas astucias: eludir los sinónimos; eludir modernismos, brazilismos (sic) y neologismos; preferir las palabras comunes a las asombrosas; intercalar circunstancias; simular pequeñas incertidumbres. Si la realidad es preciosa, la memoria no lo es: narrar los hechos como si no los entendiera del todo...

TERCEIRA NOTA

adeus meu grupo escolar
adeus meu anzol de pescar
adeus menina que eu quis amar
que o trem me leva e nunca mais vai parar

adiós mi grupo de escuela
adiós mi gancho de pescar
adiós muchacha a que deseé amar
que el tren me toma y nunca más va a parar

Es cierto, como también dice Guillén en Água del recuerdo: El tiempo corrió después, corrió el tiempo sin cesar, yo para allá, para aquí, yo para aquí, para allá, para allá, para aquí, para aquí, para allá...

QUARTA NOTA

dias de fronteiras impalpáveis
feitos de – por exemplo – frutas e folhas
frutas que em si mesmo são
um dia
de açúcar se fazendo na polpa
ou já se abrindo aos outros dias
que estão em volta
como um horizonte de trabalhos infinitos

días de las fronteras impalpables
hecho de – por ejemplo – frutas y hojas
frutas que en sí mismo están
un día
del azúcar si haciendo en la pulpa
o ya si se abriendo en los otros días
que están en vuelta
como um horizonte de trabajos infinitos

No es que juzgo simulacros didácticos para simplificar lo que enseñan, pero si me obligaran a declarar de dónde proceden vuestros versos, diría que es del futurismo y del modernismo, esa gran libertad que renovó la poesía. Porque yo también lo veo así:

días de las fronteras invisibles
hechos de – por ejemplo frutos y hojas

frutos que ensimismo son
un día
de azúcar haciéndose en la polpa
u ya abriéndose a los otros días
que están en el entorno
como el horizonte de trabajos infinitos

QUINTA NOTA

Numa coisa que apodrece
– tomemos um exemplo velho:
uma pera –
o tempo
não escorre nem grita,
antes
se afunda em seu próprio abismo,
se perde
em sua própria vertigem,
mas tão sem velocidade
que em lugar de virar luz vira
escuridão;
o apodrecer de uma coisa
de fato é fabricação
de uma noite:
seja essa coisa
uma pera num prato seja
um rio num bairro operário

En una cosa que apodrece
– tomemos un ejemplo viejo:
una pera –
el tiempo
no drena ni grita,
antes
si se hunde en su abismo apropiado,
si pierde
en su vértigo propio,
pero tan sin velocidad
que en el lugar de volver a la luz vuelca
apagón;

El apodrecer de una cosa
de hecho es fabricación
de una noche:
cualquier esta cosa
una pera en un plato sea
un río en un barrio obrero

Gular, tu sabes que todo no es menos vano, que el observador en el espejo. En que pese a tan ilustres modos de errar, lo has descifrado el laberinto. Aún que yo sea indigno de opinar en materia personal, como este Poema muy tuyo, muy personal, pero tal vez me sea perdonado añadir:

el podrido de una cosa
de facto es fabricación
de una noche:

recuerdo el olor
de plátanos podridos
cuando llego a la ciudad
de mi juventud

SEXTA NOTA

tudo isso se passa
como parte da história dos matos e dos pássaros
E na história dos pássaros
os guerreiros continuam vivos

todo esto si ha pasao
como parte de la historia de los matos y de los pájaros
Y en la historia de los pájaros
los guerreros continúan vivos

Al leerte pienso en las cosas que pudieron ser y no fueron: la historia sin la tarde de la Cruz y la tarde de la cicuta, el amor que no compartimos, el orbe sin la rueda o sin la rosa, el hijo que no tuve. Y todo eso pasa como parte de la historia de las florestas y de los pájaros y en la historia de los pájaros y los guerreros (nosotros) siguen viviendo sin hablar ni olvidar la muerte...

SÉTIMA NOTA

É que a tarde tem muitas velocidades
sendo mais lenta
por exemplo
no esgarçar de um touro de nuvem
que ela agora arrasta iluminada

Es que la tarde tiene muchas velocidades
siendo más lenta
por ejemplo
en el diseño de un toro en la nube
que ella ahora arrastra iluminada

Tu escribir tiene la razón y la tezón. Lo que no tuvo cuando una noche perdí la capacidad de hablar y hube de ser trasladado urgentemente al hospital y durante un mes me debatí entre la vida y la muerte. Había escrito algunos poemas y reseñas breves, pensé que si ahora intentaba escribir uno y fracasaba entonces significaría que todo estaba terminado. Pero, sí, los días y las tardes tienen muchas velocidades / siendo mas lenta / por ejemplo / en la figura de un toro de nube / que ella arrastra ahora iluminada. Así lo dice Goethe ¿no?

OITAVA NOTA

Ah, minha cidade suja
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas
de tanta gente humilhada
comendo pouco
mas ainda assim bordando de flores

suas toalhas de mesa
suas toalhas de centro
de mesa com jarros
– na tarde
durante a tarde
durante a vida –
cheios de flores
de papel crepom

¡Ay! mi ciudad sucia
de mucho dolor con la voz baja
de las vergüenzas que la familia sofoca
en sus cajones más profundos
de los vestidos sin ningún color
de las camisas mal reparadas
de mucha gente humillada
el comer poco
pero aún así el bordar de flores
sus toallas de tabla
sus toallas de centro
de la tabla con los tarros
– en la tarde
durante la tarde
durante la vida –
llenos de flores
del crepo de papel

Todos los escritores tratan de ser contemporáneos, tratan de ser modernos. Pero eso es superfluo ya que, de hecho estamos inmersos en este siglo, en las preocupaciones de este siglo, y no tenemos de ser contemporáneo, ya que lo somos. De igual modo, no tengo por qué tratar de ser argentino, ya que lo soy, no tengo por qué tratar de ser ciego ya que desgraciadamente, quizás afortunadamente, lo soy. Así es que tu Poema, Gular, no necesita de tratar de ser brasileño – aunque de corazón y de facto lo es.

NONA NOTA

a isso
responde a manhã
que
com suas muitas velocidades
segue em frente
alegre e sem memória

Es difícil tener en cuenta la realidad, independiente de que lo quiera o no, tener que confirmar la precariedad, la pérdida de todo. La muerte es algo que pesa en la vida, pero “a eso contesta la mañana que con sus muchas velocidades sigue adelante alegre y sin memoria”.

a esto
contesta la mañana
que
con sus numerosas velocidades
sigue en frente
alegre y sin memoria

DÉCIMA NOTA

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa
cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma
a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas

¿Y ahora? Hay muchas otras cosas ahí que me preguntan – ¿puede sir de otra manera?
Por supuesto que sí. Déjame intentar por ejemplo:

la ciudad está en el hombre
casi como el árbol vuela
en el pájaro que la abandona
cada cosa está en otra
en su propio sentido
y de manera distinta
de como está en si misma
la ciudad no está en el hombre
del mismo modo que en sus 71
almacenes plazas y calles
U esta variante, sin alterar el Texto en español.
la ciudad está en el hombre
casi como el árbol vuela
en el pájaro que sale de él
cada cosa está en otra
de su manera apropiada
y de la manera distinta
como de él está en mismo sí mismo
la ciudad no está en el hombre
de una manera similar que en su
cuadrados y calles de los almacenes

Post-Scriptum: Mi deseado amigo y poeta. Hay un libro que duerme em mí sueño.
Quiero que sea un libro de poemas dedicado a la memoria de mi madre y a María
Kodama. Libro compuesto de cosas dispares, que son tal vez, como presentía Spinoza,
meras figuraciones y facetas de una sola cosa infinita. Quizá una elegía sobre la
nostalgia de lo probable.

Pienso en las cosas que pudieron ser y no fueron, en la historia que no ocurrió, que hay
un Cristo sin la Cruz y un poeta sin la cicuta, el amor que no compartimos, el universo
sin la rueda o sin la rosa o sin la bomba, en el hijo que no quise.

Perdóname desde luego – y una vez más – querido amigo y poeta Gular, si he
transformado tu bello Poema en un poema sucio. Son cosas que pasan a los viejos, pero
desde siempre poetas.

Adendo: Noutras folhas separadas tinha um rascunho, manuscrito do que seria a
matriz da intromissão de Borges no poema de Ferreira Gullar. Vai aqui como
curiosidade.

RESULTADO DE LA TRADUCCIÓN

Texto en español:

adiós mi grupo de escuela adiós mi gancho de pescar adiós muchacha a que desee amar que el tren me toma y nunca más va a parar Es cierto como también dice Guillén en Agua del recuerdo: El tiempo corrió después, corrió el tiempo sin cesar, yo para allá, para aquí, yo para aquí, para allá, para allá, para aquí, para aquí, para allá...

Texto en português:

tchau meu grupo de escola tchau meu gancho de pescar tchau garota a que desejei amar que o trem me toma e nunca mais vai parar É certo como também diz Guillén em Água da lembrança: O tempo correu depois, correu o tempo sem cessar, eu pra lá, praqui, eu praqui, pra lá, pra lá, praqui, praqui, pra lá...

Texto en español:

días de las fronteras de los impalpables hecho de - por ejemplo frutas y hojas frutas que en sí mismo están exactamente un día del azúcar si hace en la pulpa o ya si se abre en los otros días que están en vuelta como horizonte de trabajos infinitos No es que juzgo simulacros didácticos para simplificar lo que enseñan, pero si me obligaran a declarar de dónde proceden nuestros versos, diría que es del modernismo, esa gran libertad que renovó el castellano. Porque yo también lo diría: días de las fronteras invisibles hechos de - por ejemplo frutos y hojas frutos que ensimismo son un día de azúcar haciéndose en la pulpa u ya abriéndose a los otros días que están en torno como el horizonte de trabajos infinitos

Texto en português:

dias das fronteiras dos impalpáveis feito de - por exemplo frutas e folhas frutas que em si mesmo estão exatamente um dia do açúcar se há na polpa ou já se abre nos outros dias que estão em volta como horizonte de trabalhos infinitos Não é que julgo simulacros didáticos para simplificar o que ensinam, mas se me obrigassem a declarar de onde procedem nossos versos, diria que é do modernismo, essa grande liberdade que renovou o castelhano. Porque eu também lo diria: dias das fronteiras invisíveis feitos de - por exemplo frutos e folhas frutos que em mim mesmo me são um dia de açúcar fazendo-se na polpa u já abriéndose aos outros dias que estão em torno como o horizonte de trabalhos infinitos

Texto en español:

En una cosa que apodrece - tomemos un ejemplo viejo: una pera - el tiempo no drena ni grita hacia fuera, antes si se hunde en su abismo apropiado, si pierde en su vértigo apropiado, pero tan sin velocidad que en el lugar para dar vuelta a la luz vuelca apagón; apodrecer de una cosa de hecho es fabricación de una noche: cualquier esta cosa una pera en una placa es un río en un cuarto que trabaja Gular, tu sabes que todo no es menos vano, que el observador en el espejo. En que pese a tan ilustres modos de errar, no has descifrado el laberinto. Aún que sea indigno de opinar en materia personal, como es este Poema, pero tal vez me sea perdonado añadir: el podrido de una cosa de facto es fabricación de una noche: recuerdo el olor de plátanos podridos cuando llego a la ciudad de mi juventud

Texto en português:

Em uma coisa que apodrece - tomemos um exemplo velho: uma pêra - o tempo não drena nem grita para fora, antes se afunda no seu abismo apropriado, se perde na sua vertigem apropriado, mas tão sem velocidade que no lugar para dar volta à luz tomba blecaute; apodrecer de uma coisa de fato é fabricação de uma noite: qualquer esta coisa uma pêra em uma placa é um rio em um quarto que trabalha Gular, você sabe que todo não é menos vão, que o observador no espelho. Em que apesar a tão ilustres modos de errar, não decifrou o labirinto. Ainda que seja indigno de opinar em matéria pessoal, como é este Poema, mas talvez me seja perdoado acrescentar: o podre de uma

coisa de facto é fabricação de uma noite: lembrança o cheiro de bananas podres quando chego na cidade da minha juventude

Texto en español:

todo esto si pasó como parte de la historia de los matos y de los pájaros E en la historia de los pájaros los guerreros continúan vivos Al leerle pienso en las cosas que pudieron ser y no fueron: la historia sin la tarde de la Cruz y la tarde de la cicuta, el amor que no compartimos, el orbe sin la rueda o sin la rosa, el hijo que no tuve. Y... todo eso pasa como parte de la historia de las florestas y de los pájaros y en la historia de los pájaros los guerreros (nosotros) siguen vivos...

Texto en português:

tudo isto se passou como parte da história dos matos e dos pássaros E na história dos pássaros os guerreiros continuam vivos Ao ler-te penso nas coisas que puderam ser e não foram: a história sem a tarde da Cruz e a tarde da cicuta, o amor que não compartilhamos, o orbe sem a roda ou sem a rosa, o filho que não tive. E... tudo isso passa como parte da história das florestas e dos pássaros e na história dos pássaros os guerreiros (que somos nós) continuam vivos...

Texto en español:

Es que la tarde tiene muchas velocidades siendo más lento por ejemplo en el diseño de un toro de la nube que ella ahora arrastra iluminado. Tu escribes con la razón y con tezhón. Lo que no tuvo cuando una noche perdí la capacidad de hablar y hube de ser trasladado urgentemente al hospital y durante un mes me debatí entre la vida y la muerte. Había escrito algunos poemas y reseñas breves, pensé que si ahora intentaba escribir uno y fracasaba entonces significaría que todo estaba terminado. Pero, sí, las tardes tienen muchas velocidades / siendo mas lenta / por ejemplo / en la figura de un toro de nube / que ella arrastra ahora iluminada. Así lo dice Goethe ¿no?

Texto en português:

É que a tarde tem muitas velocidades, sendo mais lenta, por exemplo, no desenho de um touro na nuvem que ela agora arrasta iluminada. Você escreve com a razão e com garra. O que não teve quando uma noite eu perdi a capacidade de falar e tive que ser levado urgente para o hospital e durante um mês e me debati entre a vida e a morte. Havia escrito alguns poemas e breves resenhas, eu pensei que se eu tentasse escrever um agora e fracasse, então significaria que tudo tinha terminado. Porém, sim, as tardes têm muitas velocidades / sendo mais lenta / por exemplo / na figura de um touro de nuvem / que ela arrasta agora iluminada. Assim diz Goethe, certo?

Texto en español:

¡Ah! mi ciudad sucia de mucho dolor y la voz baja de las vergüenzas que la familia sofoca en sus cajones más profundos de los vestidos sin ningún color de las camisas reparadas gravemente de la gente tanto humillada el comer poco pero aún así el bordar de flores sus toallas de la tabla sus toallas del centro de la tabla con los tarros - por la tarde durante la tarde durante la vida - por completo de flores del crepo de papel Todos los escritores tratan de ser contemporáneos, tratan de ser modernos. Pero eso es superfluo ya que, de hecho estamos inmersos en este siglo, en las preocupaciones de este siglo, y no tenemos de ser contemporáneo, ya que lo somos. De igual modo, no tengo por qué tratar de ser argentino, ya que lo soy, no tengo por qué tratar de ser ciego ya que desgraciadamente, quizás afortunadamente, lo soy. Así es que tu Poema, Gular, no necesita de tratar de ser brasileño - ya que de corazón y de facto lo es.

Texto en português:

Ah! minha cidade suja de muita dor e a voz baixa das vergonhas que a família sufoca nas suas gavetas mais profundos dos vestidos sem nenhuma cor das camisas reparadas gravemente da gente tanto humilhada o comer pouco mas ainda assim o bordar de

flores suas toalhas da tábua suas toalhas do centro da tábua com os tarros - pela demora durante a demora durante a vida - totalmente de flores de papel crepom Todos os escritores tratam de ser contemporâneos, tratam de ser modernos. Mas isso é supérfluo já que, de fato estamos imersos em este século, nas preocupações deste século, e não temos de ser contemporâneo, já que o somos. Do mesmo modo, não tenho por que tratar de ser argentino, já que o sou, não tenho por que tratar de ser cego já que infelizmente, talvez afortunadamente, o sou. Assim é que tu Poema, Gular, não necessita de tratar de ser brasileiro - já que de coração e de facto o é.

Texto en español:

a esto contesta a la mañana es que con sus numerosas velocidades sigue en frente alegre y sin memoria Es difícil tener en cuenta la realidad, independiente de que lo quiera o no, tener que confirmar la precariedad, la pérdida de todo. La muerte es algo que pesa en la vida, pero “a eso contesta la mañana que con sus muchas velocidades sigue adelante alegre y sin memoria”

Texto en português:

a isto responde ao amanhã é que com suas numerosas velocidades segue em frente alegre e sem memória É difícil levar em conta a realidade, independente que o queira ou não, ter de confirmar a precariedade, a perda de tudo. A morte é algo que peso na vida, mas “a isso responde a manhã que com suas muitas velocidades segue antecipe alegre e sem memória”

Texto en español:

¿Puede sir de otra manera? Por supuesto que sí. Déjeme intentar por ejemplo la ciudad está en el hombre casi como el árbol vuela en el pájaro que la abandona cada cosa está en otra en su propio sentido y de manera distinta de como está en si misma la ciudad no está en el hombre del mismo modo que en sus almacenes plazas y calles (variante) la ciudad está en el hombre casi como el árbol vuela en el pájaro que sale de él cada cosa está en otra de su manera apropiada y de la manera distinta como de él está en mismo sí mismo la ciudad no está en el hombre de una manera similar que en su cuadrados y calles de los almacenes Bs. Aires mayo/octubre 1975 PS: Perdóname desde luego querido amigo y poeta Gular, si he intentado transformar tu bello Poema en un poema sucio...

Texto en português:

Pode ser de outra maneira? Certamente sim. Deixa-me tentar por exemplo a cidade está no homem quase como a árvore voa no pássaro que a abandona cada coisa está em outra no seu próprio sentido e de maneira diferente de como está em se mesma a cidade não está no homem do mesmo modo que em seus armazéns praças e ruas (variante) a cidade está no homem quase como a árvore voa no pássaro que sai dele cada coisa está em outra de sua maneira apropriada e da maneira diferente como dele está em mesmo sim mesmo a cidade não está no homem de uma maneira similar que em seu quadrados e ruas dos armazéns Bs. Aires, maio/outubro 1975 PS: Perdoa-me sem dúvida querido amigo e poeta Gular, se quis transformar teu belo Poema em um poema sujo...